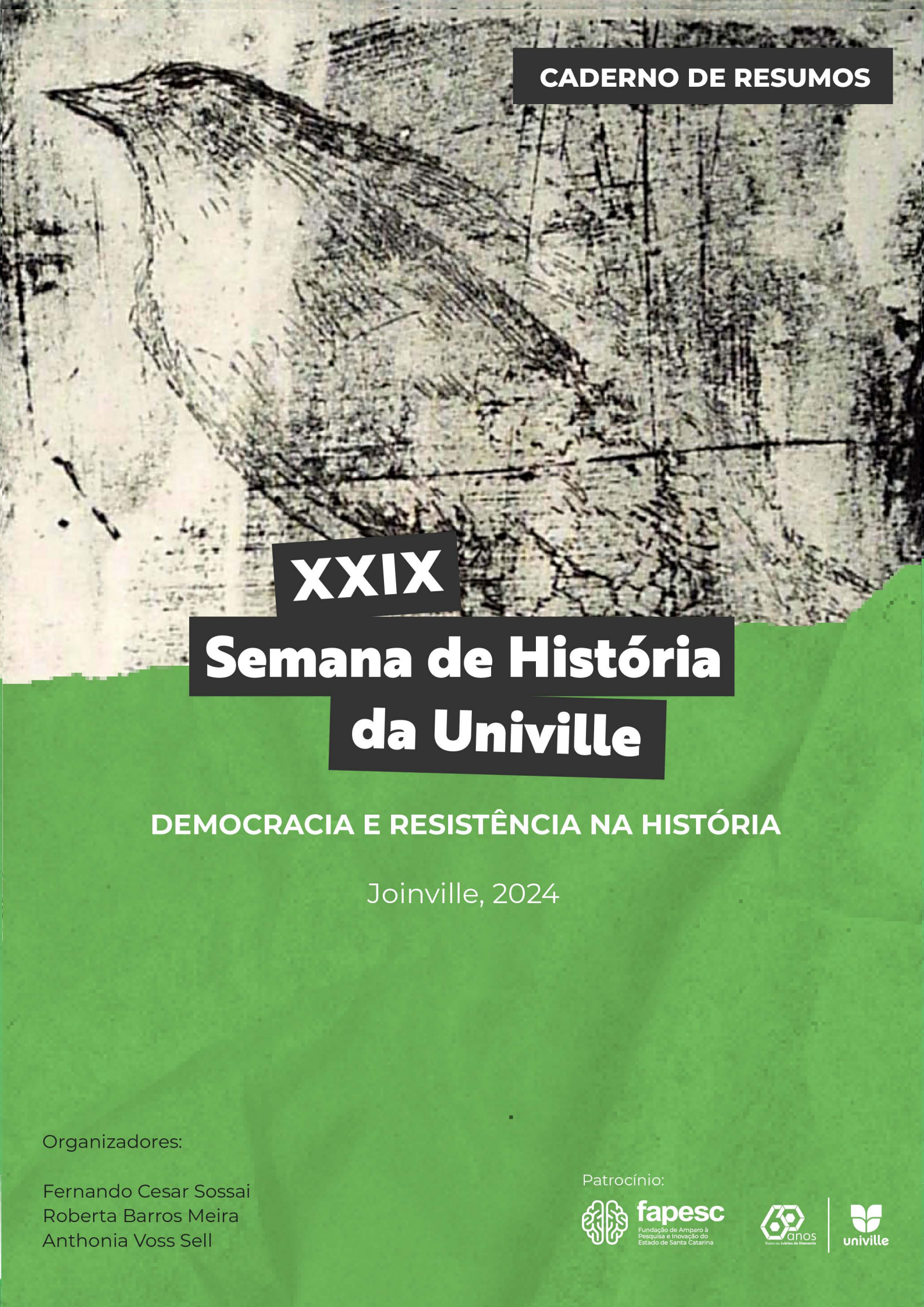




CADERNO DE RESUMOS

XXIX

Semana de História da Univille

DEMOCRACIA E RESISTÊNCIA NA HISTÓRIA

Joinville, 2024

Organizadores:

Fernando Cesar Sossai
Roberta Barros Meira
Anthonia Voss Sell

Patrocínio:



fapesc
Fundação de Amparo à
Pesquisa e Inovação do
Estado de Santa Catarina



XXIX SEMANA DE HISTÓRIA UNIVILLE

Democracia e resistência na história

Joinville | Univille

13 a 17 de maio de 2024

Inscrições: <https://www.sympla.com.br/evento/xxix-semana-de-historia-univille-democracia-e-resistencia-na-historia/2389908?referrer=www.google.com>

Realização: Curso de História da Univille, Laboratório de História Oral da Univille (LHO) e Programa em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille

Patrocínio: Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina (Fapesc)

Acessória técnica: Catarina Kortmann Osik (Assessoria de Eventos da Univille)

Organização do caderno: Fernando Cesar Sossai, Roberta Barros Meira e Anthonia Voss Sell

COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof. Dr. Diego Finder Machado

Prof. Dr. Fernando Cesar Sossai

Profa. Dra. Ilanil Coelho

Profa. Dra. Roberta Barros Meira

Prof. Dr. Wilson de Oliveira Neto

COMISSÃO ORGANIZADORA

Ana Paula Pagno Laurindo

Aldry Pereira Chaves

Ângelo Mafra da Maia e Silva

Anthonia Voss Sell

Diego Finder Machado

Eduardo da Silva de Castilho

Fernando Cesar Sossai

Gabriel de Oliveira Wandersee

Gabriel Henrique de Oliveira Furlanetto

Giovanna Franciele Guimarães

Ilanil Coelho

Larissa Saraiva Halfen

Laura de Oliveira dos Santos

Mariza Menegaro

Matheus Attila Boeing

Roberta Barros Meira

Vitor Alves de Oliveira

Wilson de Oliveira Neto

COORDENAÇÃO GERAL

Fernando Cesar Sossai

PRODUÇÃO EDITORIAL

COORDENAÇÃO GERAL

Silvio Simão de Matos

SECRETARIA

Adriane Cristiana Kasprowicz

REVISÃO

Cristina Alcântara

DIAGRAMAÇÃO

Larissa Tavares

ISBN: 978-65-87142-42-5

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da Univille

S471v Semana de História da Univille – Democracia e resistência na História (29. : 2024
: Joinville, SC)

XXIX Semana de História da Univille – Democracia e resistência na História: 13
a 17 de maio de 2024 / organização do caderno: Fernando Cesar Sossai, Roberta
Barros Meira, Anthonia Voss Sell. – Joinville, SC : Editora Univille, 2024.

65 p.

ISBN: 978-65-87142-42-5

1. História – Estudo e ensino. 2. Democracia. 3. Autoritarismo. 4. Patrimônio cul-
tural. I. Sossai, Fernando Cesar (org.). II. Meira, Roberta Barros (org.). III. Sell, Antho-
nia Voss (org.). IV Título

CDD 900.63

Elaborada por Saionara Soares Mariano – CRB 14/1415

Os textos integrantes desta publicação são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores. As Comissões Organizadora e Científica da XXIX Semana de História, assim como a Univille como um todo, não se responsabilizam pelas afirmações registradas nesta publicação.

SUMÁRIO

Apresentação	10
Resumos – Sessão de pôsteres	12
Uma análise crítica da história do café no Império: as fotografias de Marc Ferrez e a escravidão no Vale do Paraíba fluminense	13
Do Rio de Janeiro a Morro Velho: Richard Burton e suas impressões acerca da flora, fauna, geografia e populações nas paisagens mineiras	14
A história não contada do povo brasileiro: “Como se deve escrever a história do Brasil” pelos olhos de Carl von Martius	15
Percursos formativos de extensão: narrativas, memórias e experiências sensíveis na Amorabi	16
A política indigenista no Brasil imperial: a construção da identidade brasileira e as obras de Carl von Martius e José de Alencar	17
O processo de conservação de livros de registros de batismos, casamentos e óbitos dos séculos XVIII e XIX da Diocese de Joinville	18
Entre samambaias e cadernos de campo: a <i>Flora brasiliensis</i> , de Carl von Martius, e a história ambiental no ensino de História	19
As nuances entre as diferentes tipologias da coleção “Benedito Clóvis (Dito)”	20
A importância das cartas pessoais de Ottokar Dörffel e a história da Colônia Dona Francisca	21

O reverdecer da Tijuca: renascimento e desafios de um ecossistema ameaçado no século XIX	22
Petrópolis e Juiz de Fora e o turismo no Brasil Império: passado & presente	23
A trajetória de Benedito Clóvis	24
Lutador Dito e a organização operária em Joinville	25
Lutas políticas na comunidade Amorabi: uma análise do acervo particular de Benedito Clóvis da Silva, membro ativo da comunidade joinvilense	26
Resumos – Sessão de comunicações	27
Mídia, polícia e política: a operação policial de desmantelamento da rede de espionagem nazista nas páginas da imprensa catarinense (1942-1943)	28
O Direito à Cidade <i>versus</i> a tarifa: história, questões e desafios do transporte coletivo em Joinville	29
A Igreja Católica como agenciadora do dito “novo sindicalismo” em Joinville: o caso das greves de agosto de 1979	30
“Por outro lado, é tão árdua e espinhosa a missão do professor”: questões educacionais no século XIX na província de Santa Catarina	31
O civilizado e o bárbaro nos relatórios dos presidentes de província de Santa Catharina: uma análise das compreensões humanas sobre a paisagem, o ambiente e o outro (1835-1860)	32
Que comecem os jogos: a criação, a socialização e a ludicidade de jogos didáticos no ensino de História	33

O contar da história pelos saberes da literatura indígena	34
Do grão à página: a superprodução do café durante a Primeira República (1889-1930) na literatura brasileira	35
Memórias de professores: narrativas permeando percursos formativos	36
O papel da Univille São Francisco do Sul (2004-2024) no desenvolvimento do ensino superior na cidade	37
Projeto Diocese de Joinville: 100 anos de história	38
Reflexões (anti)patrimoniais à luz de memórias de controladores fabris em Joinville (2002-2007)	39
Onde fica o lixo eletrônico da cidade? Um estudo sobre colonialismo, mercado de tecnologias e lixo eletrônico	40
Um patrimônio construído pelas mãos: a Libras como um patrimônio cultural da comunidade surda	41
Resultados preliminares de estudo sobre o patrimônio material e imaterial da Armação Baleeira de Itapocorói – Penha (SC)	42
Histórias de crianças refugiadas de guerra: um relato de experiência sob a ótica de um professor de História	43
Autoritarismo e crise da democracia no Brasil	44
A história da arte da cura de animais: práticas de benzimento realizadas no município de Jaraguá do Sul e região	45

O filme *Pantera Negra* (2018) como instrumento de decolonialidade: relato de aplicação de atividade avaliativa em turmas do primeiro ano do ensino médio 46

Ensino de História para Marcos Antônio Silva: última entrevista em vida 47

Experiências, desafios e oportunidades no trabalho de requalificação do acervo em fitas cassete do Laboratório de História Oral 48

Pôsteres 49

Lutador Dito e a organização operária em Joinville 50

O processo de conservação de livros de registros de batismos, casamentos e óbitos dos séculos XVIII e XIX da Diocese de Joinville 51

A trajetória de Benedito Clóvis 52

Do Rio de Janeiro a Morro Velho: Richard Burton e suas impressões acerca da flora, fauna, geografia e populações nas paisagens mineiras 53

A história não contada do povo brasileiro: “Como se deve escrever a história do Brasil” pelos olhos de Carl von Martius 54

Uma análise crítica da história do café no Império: as fotografias de Marc Ferrez e a escravidão no Vale do Paraíba fluminense 55

Entre samambaias e cadernos de campo: a *Flora brasiliensis*, de Carl von Martius, e a história ambiental no ensino de História 56

A política indigenista no Brasil imperial: a construção da identidade brasileira e as obras de Carl von Martius e José de Alencar 57

Percursos formativos de extensão: narrativas, memórias e experiências sensíveis na Amorabi	58
A importância das cartas pessoais de Ottokar Dörffel e a história da Colônia Dona Francisca	59
Lutas políticas na comunidade	60
O reverdecer da Tijuca: renascimento e desafios de um ecossistema ameaçado no século XIX	61
Arquivos da Pastoral Operária	62
Petrópolis e Juiz de Fora e o turismo no Brasil Império: passado e presente	63
Os poemas não ditos	64
As nuances entre as diferentes tipologias da coleção “Benedito Clóvis (Dito)”	65

Apresentação

Esta publicação traz as pesquisas que fizeram parte da XXIX Semana de História da Univille, realizada de 13 a 17 de maio de 2024. A Semana foi promovida por meio de uma parceria entre o curso de História, o Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille e a Associação Nacional de História – Seção Santa Catarina (ANPUH-SC), bem como com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina (Fapesc).

Tendo por tema “Democracia e resistência na História”, o evento constituiu-se como um espaço de discussão e compartilhamento de conhecimentos e perspectivas a respeito da trajetória da democracia no Brasil, problematizando as diversas formas de resistência e luta contra os autoritarismos no país (séculos XX e XXI).

Para lidar com a amplitude e complexidade das questões que envolvem o tema, a Semana promoveu conferências, palestras, filme-debate, mesas-redondas e simpósios com apresentação de trabalhos científicos. O evento também contou com a presença de gestores governamentais, professores e estudantes da educação básica, profissionais de espaços de memória, professores universitários, pesquisadores, graduandos, mestrands e doutorandos de diferentes áreas de saber, sobretudo de História e das Ciências Humanas.

Vale ressaltar ainda que as atividades se inseriram no conjunto das ações comemorativas dos 30 anos da Semana de História da Univille, o maior e mais antigo evento de História das regiões norte-nordeste de Santa Catarina.

Na ocasião destacou-se a diversidade das pesquisas apresentadas em três mesas-redondas, que abordaram discussões sobre democracia e resistência. A primeira mesa, “Democracia e resistência na história de Joinville”, contou com a participação dos palestrantes Sirlei de Souza (Univille), Izaias de Souza Freire (Udesc) e Vinícius José Mira (Udesc), com a mediação de Fernando Cesar Sossai (Univille).

Já a mesa-redonda “Ensino de História, democracia e resistência” foi organizada e mediada pelo Centro Acadêmico Livre de História Eunaldo Verdi (CALHEV), trazendo para o debate Rhuan Carlos Fernandes (cofundador do Movimento Negro Maria Laura).

A última mesa, intitulada “Democracia e resistência: os negacionismos na história do Brasil e de Santa Catarina”, teve como foco as pesquisas de Samira Peruchi Moretto (UFFS) e Sônia Meneses (Urca), com mediação de Diego Finder Machado (Univille).

As atividades também abarcaram a educação básica, com a realização de um filme-debate que contou com a presença dos estudantes de escolas públicas participantes do Pibid/Capes e do PRP/Capes. A discussão do filme *Ditadura reservada*¹ foi coordenada por Wilson de Oliveira Neto (Univille).

¹ DITADURA reservada. Direção: Fabrício Porto. Produção: Sabrina Elisa. Roteiro: Fabrício Porto. Joinville: Guarda Filmes, 2011. 79 min., color.

A conferência de encerramento tratou do tema “Democracia e resistência na História: perspectivas de presente, horizontes de futuro” e foi ministrada por Valdei Lopes Araujo (Ufop), sob mediação de Ilanil Coelho (Univille).

As pesquisas apresentadas nas sessões de comunicações orais, pôsteres e relatos de experiências de ensino, pesquisa e/ou extensão totalizaram 35 trabalhos, com temáticas que discutiram a história local e nacional, perpassando diferentes abrangências temporais e ampla variedade de abordagens teóricas e metodológicas. Os resumos que seguem no Caderno demonstram o resultado das pesquisas que nortearam a atuação do curso de História e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille nos últimos anos.

Aguardamos a participação dos nossos leitores na próxima edição da Semana de História da Univille, a ser realizada em 2025, ano em que completará sua trigésima edição.

Os organizadores do evento

RESUMOS

Sessão de pôsteres

UMA ANÁLISE CRÍTICA DA HISTÓRIA DO CAFÉ NO IMPÉRIO: AS FOTOGRAFIAS DE MARC FERREZ E A ESCRAVIDÃO NO VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE

Vitor Alves de Oliveira¹

Ruan Vinicius Cochela²

Ian Palmeiro Rebuli³

Roberta Barros Meira⁴

A fotografia faz parte da história do Brasil desde 1840, retratando os diferentes sujeitos históricos que compunham as paisagens urbanas e rurais. Em fins do século XIX, com o fortalecimento da campanha abolicionista, os retratos de escravizados em poses que retratavam a benignidade desse sistema de trabalho passaram a fazer parte do repertório vendido pelo Império do Brasil. Tendo como base as fotografias do franco-brasileiro Marc Ferrez, a pesquisa buscou analisar as imagens produzidas na década de 1880 sobre a cafeicultura e a escravidão, procurando perceber em que medida o fotógrafo evidencia e silencia histórias, mas também produz uma memória sobre a escravidão no Império brasileiro. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como documental e análise iconográfica, sendo também um estudo de caso. No decorrer da investigação, buscamos discutir como as fotografias promovem uma representação cultural de um recorte enquadrado pelo fotógrafo e deixam entrever a história de violência da escravidão *versus* a opulência das fazendas de café.

Palavras-chave: Marc Ferrez; escravidão; cafeicultura.

¹ Acadêmico do curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille). E-mail: alves.odav@gmail.com.

² Acadêmico do curso de História da Univille. E-mail: vinicius.cochela@hotmail.com.

³ Acadêmico do curso de História da Univille. E-mail: ianpalmeiro44@gmail.com.

⁴ Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille; orientadora da pesquisa. E-mail: rbmeira@gmail.com.

DO RIO DE JANEIRO A MORRO VELHO: RICHARD BURTON E SUAS IMPRESSÕES ACERCA DA FLORA, FAUNA, GEOGRAFIA E POPULAÇÕES NAS PAISAGENS MINEIRAS¹

Vanessa Heidemann²
Paulo Henrique Fernandes Goulart³
Roberta Barros Meira⁴

O presente trabalho busca analisar o livro *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*, escrito pelo renomado explorador, escritor, tradutor e diplomata britânico Francis Richard Burton. Precisamente em 1867, os relatos iniciam-se na cidade do Rio de Janeiro com destino à mina de Morro Velho, onde desejava visitar a Companhia de Mineração inglesa da região, além de transitar por outras cidades importantes da região, como Barbacena, Ouro Preto e Mariana. Além disso, Burton enfrentou diversos desafios e perigos, viajando por florestas densas, cruzando rios caudalosos e enfrentando tempestades tropicais. No entanto sua determinação e curiosidade o levaram a descobrir paisagens deslumbrantes, conhecer povos indígenas e aprender sobre a rica história e cultura do Brasil. A análise proposta pela pesquisa perpassa o principal tema abordado no livro: as possibilidades econômicas do interior do Brasil, especialmente em relação à mineração e aos seus impactos na sociedade e na natureza.

Palavras-chave: literatura de viagem; Richard Burton; mineração.

¹ Projeto de Pesquisa Voluntário.

² Acadêmica do curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille). E-mail: vanessa29082000@hotmail.com.

³ Acadêmico do curso de História da Univille. E-mail: pahike2003@gmail.com.

⁴ Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille; orientadora da pesquisa. E-mail: rbmeira@gmail.com.

A HISTÓRIA NÃO CONTADA DO POVO BRASILEIRO: “COMO SE DEVE ESCREVER A HISTÓRIA DO BRASIL” PELOS OLHOS DE CARL VON MARTIUS

Julia Stolf Cipriano¹
Marlon Marcelo Soares²
Roberta Barros Meira³

Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) foi um médico, botânico, antropólogo e um dos mais importantes pesquisadores alemães que estudaram o Brasil, especialmente a região da Amazônia. Von Martius chegou ao Brasil em 1817, fazendo parte da comitiva da arquiduquesa austríaca Leopoldina, que viajava para casar-se com Dom Pedro I, onde recebeu da Academia de Ciências da Baviera o encargo de pesquisar as províncias mais importantes do país e formar coleções botânicas, zoológicas e mineralógicas. Foi durante sua estadia no Brasil que von Martius teve sua monografia vencedora em um concurso organizado pelo recém-criado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), intitulada *Como se deve escrever a história do Brasil*, que foi publicada pelo IHGB em 1844. Von Martius inaugura uma linha de pensamento que descreve a formação da identidade nacional brasileira a partir da junção das três diferentes “raças”: os indígenas, os negros e os portugueses. O IHGB, instituição que publicou o texto de von Martius, foi fundado no ano de 1838 com os objetivos de coligir, metodizar, publicar ou arquivar os documentos necessários para a História e a Geografia do Brasil, atualmente abordando também as demais Ciências Sociais. A pesquisa busca analisar o texto da monografia de von Martius, fomentando a discussão sobre a história oficial e o protagonismo dos seus diferentes atores históricos ao longo do tempo.

Palavras-chave: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Carl Friedrich Philipp von Martius; História do Brasil.

¹ Acadêmica do curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille). E-mail: juliaciprianoc@gmail.com.

² Acadêmico do curso de História da Univille. E-mail: marlon.marcelo.soares10@gmail.com.

³ Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille; orientadora da pesquisa. E-mail: rbmeira@gmail.com.

PERCURSOS FORMATIVOS DE EXTENSÃO: NARRATIVAS, MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS SENSÍVEIS NA AMORABI

Jaqueline Almeida Camargo¹

Alice Couto Marques²

Aldry Pereira Chaves³

O presente trabalho é um recorte de pesquisa relacionado com os trabalhos das disciplinas Laboratório de História II e Vivências de Extensão I, realizados no segundo semestre de 2023, no curso de licenciatura em História da Universidade da Região de Joinville (Univille). As autoras e outros colegas foram encarregados de fazer um levantamento de material referente ao acervo pessoal de Benedito Clóvis da Silva, a fim de higienizar e organizar por temas e temporalidades o acervo encontrado na Associação de Moradores do Bairro Itinga (Amorabi), com o intuito de preservar a memória de Dito. No decorrer dos encontros na Amorabi, as autoras-estudantes depararam com diversos poemas atrelados às memórias de Benedito. Com base nisso, temos como problemática de pesquisa a seguinte questão: Quais são os atravessamentos que as poesias, como experiências do sensível, causam em nossa formação historiadora? Dessa forma, temos por objetivo compreender as experiências do sensível nos nossos percursos formativos que se imbricam aos poemas de Dito. A fim de expor nossa experiência, optamos pela abordagem narrativa, uma vez que esta se configura como atividade formadora e ganha potência por meio do acervo de Benedito e sua memória, imbricando-se com nossas memórias e experiências. Para compor o aporte teórico, utilizaremos Josso (2012; 2007) e Clandinin e Conelly (2000), a fim de contemplar o método narrativo. Quando tratarmos das experiências do sensível, recorreremos a Rancière (2023); para nos auxiliar com o conceito de memória, o autor utilizado será Maurice Halbwachs (2023).

Palavras-chave: narrativas; experiência do sensível; memória; formação historiadora; História.

¹ Doutoranda em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville (Univille). E-mail: jaqueline.camargo@outlook.com.

² Acadêmica do curso de História da Univille. E-mail: alicecouto@gmail.com.

³ Acadêmica do curso de História da Univille. E-mail: aldrypchaves@gmail.com.

A POLÍTICA INDIGENISTA NO BRASIL IMPERIAL: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA E AS OBRAS DE CARL VON MARTIUS E JOSÉ DE ALENCAR

Gabriela Riegel Cisz¹
Micaella Albuquerque Martins²
Vitor Augusto Joenk³
Roberta Barros Meira⁴

A Independência do Brasil em 1822 fez surgir a necessidade de construir uma identidade própria para a jovem nação que se formava. Em contraposição aos colonizadores europeus, a história brasileira contava, entre outras particularidades, com uma importantíssima presença indígena em suas páginas que, ao mesmo tempo que passava por incontáveis formas de violência e era desprezada por grande parte da população “branca” como uma “raça inferior”, era também reivindicada por alguns intelectuais do período como elo de um “passado comum” – que marcava a diferenciação do Brasil em relação ao velho mundo europeu. Dentre estes, podemos destacar o trabalho do viajante alemão Carl von Martius, que defendia que, apesar de “inferiores”, os povos indígenas teriam a capacidade de serem civilizados; e o romancista José de Alencar, que por meio de obras como *Iracema* construiu a figura do “índio herói”. Tais visões permearam a política indigenista do Brasil Império que, com suas diversas propostas e reflexões para tentar “civilizar” as populações indígenas, em vez de tentar suprir as reais necessidades dessas populações, promoveu um apagamento ainda maior de suas identidades, com práticas que incluíam a imposição da catequização e a separação de crianças indígenas de seus pais para serem educadas nos padrões da sociedade branca. O objetivo deste trabalho é investigar a política indigenista do Brasil Império, utilizando obras como *Iracema*, de José de Alencar, e *Como se deve escrever a história do Brasil*, de von Martius, para compreender o papel atribuído aos povos indígenas na formação de uma identidade brasileira.

Palavras-chave: Brasil Império; Carl von Martius; identidade brasileira; José de Alencar; povos indígenas.

¹ Acadêmica do curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille). E-mail: gabrielariiegelcz@gmail.com.

² Acadêmica do curso de História da Univille. E-mail: micaella.albuquerque.martins@gmail.com.

³ Acadêmico do curso de História da Univille. E-mail: vitorjoenk@yahoo.com.br.

⁴ Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille; orientadora da pesquisa. E-mail: rbmeira@gmail.com.

O PROCESSO DE CONSERVAÇÃO DE LIVROS DE REGISTROS DE BATISMOS, CASAMENTOS E ÓBITOS DOS SÉCULOS XVIII E XIX DA DIOCESE DE JOINVILLE

Gabriel de Oliveira Borges¹

Esta comunicação visa compartilhar as experiências do processo de conservação de livros históricos que integra parte do projeto “Diocese de Joinville (100 anos de história)”, fruto de um contrato de prestação de serviço entre a Universidade da Região de Joinville (Univille), por intercessão do Laboratório de História Oral e Centro Memorial da Univille, e a Mitra Diocesana de Joinville. Uma segunda frente do projeto também tem por objetivo a preservação da memória centenária da diocese, por meio da realização de 30 entrevistas de história oral com sacerdotes, religiosos(as) e leigos(as). Metodologicamente, o projeto de conservação dos livros foi dividido em quatro frentes: 1) nesta etapa foram identificados os volumes que seriam transferidos, catalogados em um quadro que os separou pelos seus respectivos registros e, por fim, acondicionados de maneira adequada para que pudessem ser transportados da Cúria Diocesana ao LHO/CMU; 2) higienização dos livros feita por restauradoras e pela equipe técnica do LHO/Univille, processo pelo qual foi removida toda e qualquer sujidade do seu interior; também foi feita uma análise mais precisa do interior de cada volume, de acordo com seu estado de conservação. Ainda serão realizados pequenos reparos, porém somente após a etapa três; 3) conversão dos exemplares físicos em livros virtuais, digitalizados por meio de escâner planetário, e compilados em livros digitais; 4) paralelamente a essas ações, a realização das entrevistas de história oral, cujos entrevistados foram identificados internamente por membros da cúria diocesana, de acordo com sua participação durante os 100 anos da diocese. Atualmente, o projeto está na etapa de digitalização e tratamento das imagens; quanto às entrevistas, os entrevistados estão sendo analisados, para a confecção específica dos roteiros de perguntas. O Centenário da diocese será comemorado em 2027, e a realização deste projeto possui grande impacto na historiografia de Joinville, uma vez que visa contribuir à difusão da memória centenária da instituição, bem como dos livros de registros reconhecidos como Patrimônio Nacional pelo Decreto Federal n.º 7.107/2010.

Palavras-chave: Diocese de Joinville; conservação de documentos; história oral; patrimônio cultural; História.

¹ Acadêmico do curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille). E-mail: professorgabrielborges@gmail.com.

ENTRE SAMAMBAIAS E CADERNOS DE CAMPO: A FLORA BRASILIENSIS, DE CARL VON MARTIUS, E A HISTÓRIA AMBIENTAL NO ENSINO DE HISTÓRIA¹

Giovanna Franciele Guimarães²
Roberta Barros Meira³

A flora brasileira é uma das mais ricas e diversas do mundo, abrigando uma variedade impressionante de espécies vegetais graças à sua vasta extensão territorial e diversidade de ecossistemas. Grande parte dos viajantes que exploraram o Brasil ao longo da história ficou maravilhada com a exuberância e a diversidade da flora encontrada no país. Seus relatos descrevem vastas florestas tropicais, rios sinuosos e uma profusão de cores, aromas e utilidades das espécies nativas coletadas e catalogadas. Durante expedições científicas, foram coletados milhares de espécimes botânicos, revelando ao mundo a riqueza da flora brasileira na primeira metade do século XIX. Suas contribuições científicas foram significativas para a compreensão da biodiversidade brasileira, e as expedições científicas e os relatos de viajantes desempenhavam um papel fundamental na coleta de informações sobre a flora do país, com um papel significativo na ciência nacional e estrangeira. Carl Friedrich Philipp von Martius, naturalista alemão que integrou a missão científica austríaca, percorreu as províncias de Minas Gerais, Bahia, Goiás, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Belém e parte da Amazônia. Além da publicação dos três volumes do livro *Viagem ao Brasil*, Martius iniciou a escrita do catálogo *Flora brasiliensis* – obra inconclusa, publicada em 1906. A obra contém tratamentos taxonômicos de 22.767 espécies, reunidos em 15 volumes. Busca-se, nesta comunicação, discutir as possibilidades do uso das iconografias de von Martius no ensino de História, partindo da história ambiental para pensar o passado e a destruição ambiental que vivemos no presente.

Palavras-chave: flora; expedições científicas; relatos de viajante.

¹ Pesquisa vinculada às atividades de extensão desenvolvidas na disciplina História e Historiografia do Brasil IV, coordenadas pela professora Roberta Barros Meira.

² Acadêmica do curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille). E-mail: giovannafguimaraes15@gmail.com.

³ Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille; orientadora da pesquisa. E-mail: rbmeira@gmail.com.

AS NUANCES ENTRE AS DIFERENTES TIPOLOGIAS DA COLEÇÃO “BENEDITO CLÓVIS (DITO)”

Eduardo da Silva de Castilho¹

Geovana Pereira Dias²

Natalia Miriã Elisio³

Fernando Cesar Sossai⁴

Sirlei de Souza⁵

A presente comunicação parte de trabalhos desenvolvidos pelos estudantes do 2.º semestre do curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille), no período 2023/2, nas disciplinas Laboratório de História II e Vivências de Extensão I, conduzidas pelos professores Dr. Fernando Cesar Sossai e Dra. Sirlei de Souza. A atividade de extensão focou na organização do acervo pessoal do ativista Benedito Clóvis (Dito), visando à transformação da coleção para integrar o espaço da Associação de Moradores do Bairro Itinga (Amorabi), onde atuou Dito, social e politicamente, no transcurso da década de 1980. No processo de observação e manuseio das caixas de Benedito, notou-se que a maior parte das fontes se voltava à pastoral religiosa, durante as décadas de 1980 e 1990, destacando-se sua militância social e política na cidade de Joinville e região. Entretanto o que mais se tornou evidente e chamativo no abundante volume documental foram os diferentes formatos que integravam o acervo, como jornais, panfletos, cartas, selos e cartões-postais e manifestações artísticas, contando com cerâmicas e fotografias. Dessa maneira, percebem-se expressões que revelam outros aspectos, de certa forma, biográficos de Benedito Clóvis, contribuindo para o entendimento de suas pautas na militância política joinvilense.

Palavras-chave: Benedito Clóvis; fonte histórica; biografia; Amorabi; história de Joinville.

¹ Acadêmico do curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille). *E-mail:* eduardoedsdc@gmail.com.

² Acadêmica do curso de História da Univille. *E-mail:* geovanapereira426@gmail.com.

³ Acadêmica do curso de História da Univille. *E-mail:* nataliamiriaeisio@gmail.com.

⁴ Professor dos Departamentos de História e Artes Visuais e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille, coordena o Centro Memorial da Univille (CMU) e o Laboratório de História Oral (LHO), além do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Univille (Pibid). *E-mail:* fernandosossai@gmail.com.

⁵ Professora do curso de História e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Mediações Contemporâneas da Univille. *E-mail:* sirlei.souza@univille.br.

A IMPORTÂNCIA DAS CARTAS PESSOAIS DE OTTOKAR DÖRFFEL E A HISTÓRIA DA COLÔNIA DONA FRANCISCA¹

Daniele Claudia Miranda²

Euler Renato Westphal³

Roberta Barros Meira⁴

Ottokar Dörffel, imigrante alemão, chegou à Colônia Dona Francisca em 1854. Apesar de estar longe de sua terra natal, nunca perdeu contato com familiares e amigos, mantendo intensa correspondência ao longo de sua vida. Ao longo de mais de 50 anos, a troca de cartas resultou em um acervo de cerca de 100 documentos valiosos para o estudo das mudanças ocorridas em sua vida ao interagir com brasileiros e outros imigrantes alemães em Joinville, Santa Catarina. As traduções enfocam principalmente temas relacionados ao “novo mundo” e ao novo ambiente, como a chegada, descrições da colônia, detalhes sobre plantas e animais, novas práticas agrícolas e pecuárias, culinária, geografia, clima, entre outros assuntos. O espírito alemão, evidente nas cartas, acompanhou Ottokar em sua jornada da “Velha Pátria” até sua vida na “Nova Pátria”, dois mundos interligados ao seu modo de ser e de viver. Trabalhar com cartas manuscritas apresenta desafios metodológicos, mas fornece informações relevantes sobre indivíduos e comunidades. O estudo das cartas históricas auxilia na reconstrução do passado e na compreensão mais profunda da história, considerando tanto o conteúdo quanto o contexto social e material das cartas. Como fontes primárias, as cartas desvelam o passado de Ottokar Dörffel e sua perspectiva sobre a Colônia Dona Francisca. Elas esclarecem as redes sociais que conectam diferentes espaços, além de aprofundar as relações sociopolíticas, as questões econômicas, as diferenças culturais e as lutas pela terra que marcaram a história da imigração em Santa Catarina.

Palavras-chave: cartas pessoais; Ottokar Dörffel; história da imigração.

¹ Pesquisa vinculada ao projeto de pesquisa para o doutorado em Patrimônio Cultural e Sociedade inserido na linha Patrimônio, Memória e Linguagens, voltado para a temática que contempla as dimensões da cultura material e imaterial, desenvolvida com bolsa da Fapesc.

² Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille). E-mail: daclam42@gmail.com.

³ Professor do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. E-mail: eulerwestphal@gmail.com.

⁴ Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. E-mail: rbmeira@gmail.com.

O REVERDECER DA TIJUCA: RENASCIMENTO E DESAFIOS DE UM ECOSISTEMA AMEAÇADO NO SÉCULO XIX

Arthur D'tavolla Morais de Lira Souza Campos¹
Roberta Barros Meira²

A floresta da Tijuca atualmente se encontra cercada pela metrópole carioca, apresentando-se como opção de lazer e, apesar de toda a pressão sofrida pelo desenfreado avanço da urbanização, é um exemplo importante de proteção ambiental no Brasil, possuindo um passado rico em lições sobre as consequências da devastação ambiental promovida pelo ser humano. A história de exploração e destruição desse espaço tem início na colonização portuguesa e se agrava no pós-independência. Inicialmente, o desmatamento ocorreu pela extração de madeira e plantações de cana de açúcar. No entanto a cafeicultura foi o fator decisivo para consolidar a destruição sistemática do ecossistema e causar crises ambientais na região do Rio de Janeiro. Após o plantio de café minguar na região, tornou-se evidente a degradação ecológica, refletida no agravamento das secas que atingiram a cidade do Rio de Janeiro nos anos de 1824, 1829, 1833 e 1844. Esse período de crise foi fundamental para a criação de um projeto sem precedentes que começou em 1862, cujo objetivo era reflorestar a Tijuca para garantir estabilidade ao fluxo de água que abastecia a região urbana. A pesquisa busca analisar pelo viés da história ambiental as iconografias deixadas por pintores como Félix Taunay e os relatórios produzidos pelo Major Archer, que comandou a etapa principal do reflorestamento de 1862-1874. Ademais, busca traçar um paralelo com o presente – momento marcado pela emergência climática enfrentada em todo mundo e a necessidade premente de buscar alternativas para combater os problemas ambientais.

Palavras-chave: floresta da Tijuca; degradação ambiental; reflorestamento.

¹ Acadêmico curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille). E-mail: arthurdavolla1@gmail.com.

² Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille; orientadora da pesquisa. E-mail: rbmeira@gmail.com.

PETRÓPOLIS E JUIZ DE FORA E O TURISMO NO BRASIL IMPÉRIO: PASSADO & PRESENTE

Davi Ceschin da Silva¹
Roberta Barros Meira²

O fotógrafo francês Revert Henrique Klumb escreveu o primeiro guia de viagem do Brasil, publicado em 1872. *Doze horas em diligência: Guia do viajante de Petrópolis a Juiz de Fora*, publicação bilingue em português e francês, traz 29 litografias e descrições detalhadas da paisagem e dos pontos turísticos que poderiam ser visitados no trajeto que percorria a estrada União Indústria. O guia traz informações importantes sobre a economia, as novas tecnologias e as mudanças nas relações sociais e culturais no período do II Reinado. O objetivo do trabalho será analisar o guia de maneira comparativa com outras formas de divulgação turísticas. Além disso, a pesquisa busca pensar estratégias para discutir as diferentes fontes documentais e o seu uso no ensino de História.

Palavras-chave: Petrópolis; Juiz de Fora; turismo; Brasil Império.

¹ Acadêmico do curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille). E-mail: daviceschin2018@gmail.com.

² Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille; orientadora da pesquisa. E-mail: rbmeira@gmail.com.

A TRAJETÓRIA DE BENEDITO CLÓVIS¹

Beatriz Oliveira Goulart Nunes²

João Otávio Okonski Gobbi³

Eduarda Beatriz Teixeira⁴

O objetivo deste trabalho é discutir o arquivo de Benedito Clóvis da Silva (Dito), especialmente a construção de um acervo com documentos e materiais que Dito preservou durante toda sua vida, e refletir sobre sua história como um membro ativo da comunidade do bairro Itinga e como cidadão joinvilense. Ao longo das disciplinas Laboratório de História III e Vivências de Extensão foi possível relacionar o acervo com os documentos separados por Benedito às leituras que estamos realizando ao longo do processo acadêmico, por exemplo, aos escritos de José D'Assunção Barros (2020). O trabalho realizado dialoga sobre o espaço de memória Lutador Dito e o texto "Fontes históricas em perspectivas", escrito em 2020 pelo referido historiador brasileiro. Em sua obra, o autor retrata como "constituir uma fonte é deslocar algumas certidões de nascimento ou casamento que se acham trancadas em um arquivo e transformá-la em uma série que passa a dizer alguma coisa que, isolados, estes documentos não diziam antes" (Barros, 2020, p. 12). Dessa forma, assim como o pesquisador menciona, queremos representar as lutas diárias e a trajetória desse membro fundamental da Associação de Moradores do Bairro Itinga, ao longo de sua vida. Para demonstrar isso, utilizamos fontes encontradas em seu acervo pessoal, tais como cartas, selos e calendários, a fim de evidenciar que sua vasta trajetória pelo Brasil não se limitava apenas à cidade de Joinville e região.

Palavras-chave: história de vida; arquivo; memória; trajetória; História.

¹ Este trabalho está vinculado às disciplinas Laboratório de História III e Vivências de Extensão II, do curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille).

² Acadêmica do curso de História da Univille. E-mail: beatrizoliveiragoulartnunes@gmail.com.

³ Acadêmico do curso de História da Univille. E-mail: joaootaviookonskigobbi@gmail.com.

⁴ Acadêmica do curso de História da Univille. E-mail: duda.teixeira09@gmail.com.

LUTADOR DITO E A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA EM JOINVILLE

Ana Carolina Oliani¹

Cristian Cleven Gomes de Araújo²

Eranildo Alex Costa³

Laura de Oliveira dos Santos⁴

Fernando Cesar Sossai⁵

Sirlei de Souza⁶

O *banner* visa compartilhar experiências e aprendizados coletivos dos estudantes do curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille) nas disciplinas Vivências de Extensão e Laboratório de História Oral, sob orientação dos professores Dra. Sirlei de Souza e Dr. Fernando Cesar Sossai. O projeto das disciplinas consiste na formação de um Arquivo Comunitário, localizado na Associação de Moradores e Amigos do Bairro Itinga (Amorabi), com a documentação doada pelos familiares de Benedito Clóvis (1956-2019), também conhecido como Dito, membro da Pastoral Operária em Joinville, referência na construção da Amorabi e na militância dos movimentos sociais, da justiça e da solidariedade desde a década de 1960. A pesquisa foi desenvolvida em duas frentes: bibliográfica e outra documental do acervo em formação. Para a construção do trabalho, foram realizados encontros semanais para a higienização, seleção e classificação pela periodização e temática dos documentos. O resultado do projeto destaca a trajetória de Benedito Clóvis, parte da política e crítica em todos os aspectos que atuou. A pesquisa esclarece como se davam as formações e reivindicações dos moradores sobre a situação do bairro Itinga no recorte dos anos de 1990 a 1999 e a importância do incentivo na concepção de arquivos comunitários, relacionando o ofício do historiador, a comunidade, a academia e a formação do conhecimento.

Palavras-chave: Amorabi; Arquivo Comunitário; Pastoral Operária.

¹ Acadêmica do curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille). E-mail: anacarolineoliani@gmail.com.

² Acadêmico do curso de História da Univille. E-mail: cristian.cleven@gmail.com.

³ Graduado em História pela Univille. E-mail: eranildoalexdacosta78@gmail.com.

⁴ Acadêmica do curso de História da Univille. E-mail: lauradeo.dossantos@gmail.com.

⁵ Professor dos Departamentos de História e Artes Visuais e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille, coordena o Centro Memorial da Univille (CMU) e o Laboratório de História Oral (LHO), além do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Univille (Pibid). E-mail: fernandosossai@gmail.com.

⁶ Professora do curso de História e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Mediações Contemporâneas da Univille. E-mail: sirlei.souza@univille.br.

LUTAS POLÍTICAS NA COMUNIDADE AMORABI: UMA ANÁLISE DO ACERVO PARTICULAR DE BENEDITO CLÓVIS DA SILVA, MEMBRO ATIVO DA COMUNIDADE JOINVILENSE¹

Patricia de Jesus Santos²

Gabriela Gomes de Lima³

Fernando Cesar Sossai⁴

Sirlei de Souza⁵

Por intermédio das experiências vividas em campo e na tentativa de erguer um inventário mediante uso das fontes documentais armazenadas por Benedito Clóvis ao longo da vida, entende-se serem possíveis a reflexão e transmissão de momentos de sua trajetória. Dito era um membro ativo no corpo social joinvilense; por meio de seus projetos sociais e políticos transfigurou a vida de muitos cidadãos da região que, infelizmente, viviam à margem da sociedade. O *banner* tem por finalidade analisar a vida de Dito, empregando também os conhecimentos adquiridos nas aulas ministradas em sala, por meio de algumas obras, como a de José D'Assunção Barros (2019, p. 1), que em *Fontes históricas – uma introdução aos seus usos historiográficos* afirma: “As fontes históricas são as marcas da história. Quando um indivíduo escreve um texto ou retorce um galho de árvore de modo que este sirva de sinalização aos caminhantes em certa trilha; quando um povo constrói seus instrumentos e utensílios, mas também nos momentos em que modifica a paisagem e o meio ambiente a sua volta – em todos estes momentos, e em muitos outros, os homens e mulheres deixam vestígios, resíduos ou registros de suas ações no mundo social e natural”.

Palavras-chave: Benedito Clóvis da Silva; fontes históricas; comunidade Amorabi; Joinville.

¹ Projeto de Pesquisa realizado como uma atividade proposta conjuntamente pelas disciplinas Vivências de Extensão e Laboratório de História II da Universidade da Região de Joinville (Univille).

² Acadêmica do curso de História da Univille. E-mail: patriciadejesussantos88@gmail.com.

³ Acadêmica do curso de História da Univille. E-mail: gabrielagomes.dlima@gmail.com.

⁴ Professor dos Departamentos de História e Artes Visuais e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille, coordena o Centro Memorial da Univille (CMU) e o Laboratório de História Oral (LHO), além do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Univille (Pibid); orientador da pesquisa. E-mail: fernandosossai@gmail.com.

⁵ Professora do curso de História e do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Mediações Contemporâneas da Univille; orientadora da pesquisa. E-mail: sirlei.souza@univille.br.

RESUMOS

Sessão de comunicações

MÍDIA, POLÍCIA E POLÍTICA: A OPERAÇÃO POLICIAL DE DESMANTELAMENTO DA REDE DE ESPIONAGEM NAZISTA NAS PÁGINAS DA IMPRENSA CATARINENSE (1942-1943)¹

Wesley dos Santos Graper²

Em fins de 1941, quando os Estados Unidos entraram na guerra, o Brasil aproximou-se de forma cada vez mais definitiva dos países Aliados. Uma das consequências desse processo foi o início de uma série de operações policiais ocorridas em várias partes do Brasil com o fim de desmontar uma ampla rede de espionagem nazista instalada no país. Em Santa Catarina, sob a responsabilidade do delegado Antônio de Lara Ribas, a Delegacia de Ordem Política e Social (Dops) empreendeu uma série de diligências pelo estado, dando resultado a uma série de prisões, depoimentos e apreensões de materiais incriminadores. A historiografia, apesar de algumas menções, não explorou devidamente as reverberações desse episódio em Santa Catarina — existe certa confusão entre tal acontecimento e a Campanha de Nacionalização, iniciada em 1938. Trata-se, na realidade, de processos distintos, apesar de terem se entrelaçado. Além do mais, o papel desempenhado pela imprensa referente à operação policial ainda não fora analisado de modo minucioso. Vinculada a uma pesquisa de mestrado cujo objetivo é entender como a população catarinense alterou suas relações com o nazismo e o integralismo, a comunicação pretende explorar as referidas lacunas. O exame desse acontecimento oportuniza uma observação privilegiada do processo de mudança nos ideários políticos, que, conforme o argumento desta pesquisa, se tratou de uma mutação nas culturas políticas catarinenses. Ao cobrir amplamente a operação, a imprensa buscou consolidar no imaginário popular a aproximação íntima entre nazistas e integralistas (aproximação que, em Santa Catarina, a bem da verdade, efetivamente existiu).

Palavras-chave: imprensa; Estado Novo; Segunda Guerra Mundial.

¹ Pesquisa desenvolvida com bolsa da Capes.

² Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc).
E-mail: wesleygraper06@gmail.com.

O DIREITO À CIDADE *VERSUS* A TARIFA: HISTÓRIA, QUESTÕES E DESAFIOS DO TRANSPORTE COLETIVO EM JOINVILLE

Vitor Augusto Joenk¹
Roberta Barros Meira²

O Direito à Cidade pode ser entendido como o direito à vida urbana e a um modo de vida urbano em que as trocas entre seres humanos não estejam subordinadas ao comércio e ao lucro. Um dos aspectos fundamentais para a efetivação desse direito é o transporte coletivo. Em Joinville, o transporte coletivo existe desde 1911, com a criação da Empresa Ferro-Carril Joinvilense, sendo desde então operado por empresas privadas, que trabalham com a lógica do lucro e da cobrança de tarifas. Nos últimos 22 anos, o preço da tarifa de ônibus no município subiu mais de 378%, mais de 64% acima da inflação. No mesmo período, o número de passageiros em Joinville caiu de 50,7 milhões anuais para 25,6 milhões anuais. Ao mesmo tempo, dados da Prefeitura revelam que 23% dos deslocamentos realizados no município são feitos a pé. O objetivo desta pesquisa é, por meio da metodologia da História Social, estudar a história do sistema de transporte coletivo em Joinville, especialmente em sua relação com o tema do Direito à Cidade, questionando as relações entre o modelo de transporte adotado no município e o acesso ou negação a tal direito.

Palavras-chave: Direito à Cidade; tarifa de ônibus; história do transporte coletivo.

¹ Acadêmico do curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille). *E-mail:* vitorjoenk@yahoo.com.br.

² Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille; orientadora da pesquisa. *E-mail:* rbmeira@gmail.com.

A IGREJA CATÓLICA COMO AGENCIADORA DO DITO “NOVO SINDICALISMO” EM JOINVILLE: O CASO DAS GREVES DE AGOSTO DE 1979¹

Vinícius José Mira²

Esta comunicação oral tem como objetivo analisar historicamente uma série de greves e movimentos paredistas ocorridos na cidade de Joinville em agosto de 1979, tendo um olhar minucioso no papel desempenhado pela Igreja Católica como agenciadora do dito “novo sindicalismo” na cidade. Para tal, é feito uso de um conjunto de fontes que incluem a imprensa periódica local, os informes produzidos pela estrutura de espionagem da ditadura militar e panfletos, atas de reuniões, textos datilografados e gêneros textuais semelhantes associados à atividade de movimentos sociais vinculados à Igreja Católica. Como resultado, a comunicação oral argumenta que a Igreja Católica emprestou seu prestígio e legitimidade aos esforços de articulação do movimento operário da cidade, sobretudo a partir da inexistência de uma liderança sindical destacada em Joinville nos moldes do “novo sindicalismo” do ABC paulista. A comunicação oral vincula-se ao projeto de mestrado intitulado *“Por Cristo e pela pátria”: a Igreja Católica e a Ditadura Militar (Joinville, 1964-1985)*, desenvolvido com bolsa Capes.

Palavras-chave: Igreja Católica; sindicalismo; Joinville.

¹ A comunicação oral vincula-se ao projeto de mestrado intitulado *“Por Cristo e pela pátria”: a Igreja Católica e a Ditadura Militar (Joinville, 1964-1985)*, desenvolvido com bolsa Capes.

² Mestrando em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc); bolsista Capes. E-mail: viniciusmira1987@gmail.com.

“POR OUTRO LADO É TÃO ÁRDUA E ESPINHOSA A MISSÃO DO PROFESSOR”: QUESTÕES EDUCACIONAIS NO SÉCULO XIX NA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA¹

Vanessa Heidemann²
Paulo Henrique Fernandes³
Roberta Barros Meira⁴

A presente comunicação busca analisar os dados presentes nos relatórios de presidente de província pelo viés socioeducacional vivenciado pela população de Santa Catarina. Com a implementação da Lei n.º 35, de 14 de maio de 1836, o presidente de província atuante ficou responsável pelas melhorias educacionais do ano referido em diante. Até então, os presidentes provinciais não obtinham muito poder para efetuar uma possível melhoria, seja em qualquer setor da província. A educação estruturava-se em instrução primária e instrução secundária, e havia escolas públicas e particulares. Os conteúdos lecionados normalmente seguiam um guia; começando pelas primeiras letras, leitura, escrita, operações aritméticas, gramática da língua nacional e, principalmente, a doutrina cristã. Além disso, a oportunidade de formação educacional não conseguia chegar a todas as respectivas colônias da província. As crianças provenientes de colônias mais afastadas direcionavam seus esforços para o trabalho na lavoura, de modo a auxiliar sua família no trabalho braçal. Dito isso, esta comunicação analisará questões socioeducacionais da província de Santa Catarina, enfatizando o acesso à educação para os imigrantes recém-chegados.

Palavras-chave: educação; Província de Santa Catarina; imigração.

¹ Projeto de Pesquisa Voluntário.

² Acadêmica do curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille). E-mail: vanessa29082000@hotmail.com.

³ Acadêmico do curso de História da Univille. E-mail: pahike2003@gmail.com.

⁴ Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille; orientadora da pesquisa. E-mail: rbmeira@gmail.com.

O CIVILIZADO E O BÁRBARO NOS RELATÓRIOS DOS PRESIDENTES DE PROVÍNCIA DE SANTA CATHARINA: UMA ANÁLISE DAS COMPREENSÕES HUMANAS SOBRE A PAISAGEM, O AMBIENTE E O OUTRO (1835-1860)¹

Lucas Jair Petroski²
Mariluci Neis Carelli³
Roberta Barros Meira⁴

Esta comunicação busca analisar os relatórios dos presidentes de Província de Santa Catharina entre os anos 1835 e 1860, na perspectiva da história ambiental e nas compreensões da interação do ser humano com o meio e com outras culturas. Na pesquisa, objetivou-se entender, nos relatórios de Província de Santa Catharina, como a relação do ser humano com a natureza está expressa na região. Almejou-se também compreender como os colonizadores viam e adequavam ao imaginário os povos indígenas. Problematizou-se, por intermédio de análises, os conceitos “civilizado” e “bárbaro”. As fontes históricas foram mapeadas, fichadas e inseridas em bancos de dados (Microsoft Access e Microsoft Lists). A base teórica utilizada foram as obras: *Civilização e barbárie* (Novaes et al., 2004), *Natureza admirada, natureza devastada* (Carola, 2010), *A invenção das mulheres* (Oyèwùmí, 2021) e *Um sopro de destruição* (Pádua, 2004). Compreendeu-se que, na colonização da Província de Santa Catharina, a devastação florestal, as modificações na paisagem e o mal planejamento urbano, agropecuário e na infraestrutura de vias foram os motivos do atraso e do frágil desenvolvimento das colônias. Ademais, percebeu-se que os conceitos “civilizado” e “bárbaro” eram empregados como polos de contraposição, ligados à cosmovisão ocidental, fixados nos sujeitos e não nas ações. Nesse cenário, os povos indígenas (o outro) foram sistematicamente retratados como bárbaros, selvagens e irracionais e os europeus (o eu) como civilizados, tranquilos e racionais.

Palavras-chave: colonização; história de Santa Catarina; paisagem cultural.

¹ Pesquisa vinculada ao projeto “A paisagem cultural: viver o patrimônio” e desenvolvida com bolsa do Uniedu – artigo 171.

² Acadêmico do curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille). E-mail: lucaspetroski20@gmail.com.

³ Professora dos Departamentos de Psicologia e Administração e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille; orientadora da pesquisa. E-mail: mariluci.carelli@gmail.com.

⁴ Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille; coorientadora da pesquisa. E-mail: rbmeira@gmail.com.

QUE COMECEM OS JOGOS: A CRIAÇÃO, A SOCIALIZAÇÃO E A LUDICIDADE DE JOGOS DIDÁTICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA¹

Lucas Jair Petroski²

Diego Finder Machado³

Letícia Ribas Diefenthaeler Bohn⁴

Este texto aborda as experiências da criação e utilização de jogos didáticos na vivência escolar somada aos aprofundamentos teóricos adquiridos pelo autor, no período de novembro de 2022 até abril de 2024, no Programa de Residência Pedagógica (PRP) na EEB Giovani Pasqualini Faraco. Almejou-se, por intermédio de jogos didáticos, desenvolver nos discentes capacidades para uma vida integral, fortalecendo a maturidade emocional, o desenvolvimento intelectual, a participação social e a habilidade de construção de produtos lógicos, criativos e artísticos. De modo mais pessoal, ao longo das aulas, o residente buscou ampliar seu repertório teórico e prático, aperfeiçoando as habilidades de comunicação, relacionamento e adaptação aos diferentes contextos sociais e intelectuais dos estudantes. O percurso metodológico ocorreu, primeiro, com a leitura da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de livros didáticos e de bibliografias pertinentes; segundo, em aulas expositivas; terceiro, na criação de jogos; quarto, no jogar e na socialização dos produtos. Os alunos foram avaliados por cinco critérios: criatividade, artístico, lógico, social e foco. Percebeu-se, do processo criativo dos jogos, que os estudantes se envolveram de forma efetiva e acolhedora dividindo tarefas, elaborando novas ideias, ratificando conhecimentos e buscando novos. Compreendeu-se, das práticas e dos estudos, que os jogos didáticos, quando usados de forma adequada, contribuem para a formação de sujeitos autônomos e democráticos, resultados de uma lapidação intelectual, motor, emocional e social.

Palavras-chave: jogos didáticos; ensino de História; residência pedagógica.

¹ Pesquisa vinculada ao Programa de Residência Pedagógica (PRP) e à disciplina de Estágio Curricular Supervisionado e desenvolvida com bolsa da Capes.

² Acadêmico do curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille); bolsista do PRP. *E-mail:* lucaspetroski20@gmail.com.

³ Professor da Educação Básica na EEB Giovani Pasqualini Faraco, do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em Educação da Univille. *E-mail:* diegofindermachado@gmail.com.

⁴ Professora do Departamento de História da Univille; orientadora de estágio. *E-mail:* leticia.ribas@univille.br.

O CONTAR DA HISTÓRIA PELOS SABERES DA LITERATURA INDÍGENA¹

Laura de Oliveira dos Santos²
Roberta Barros Meira³
Alessandra Tereza Mansur Silva⁴

A literatura indígena possibilita analisar um rico acervo de memórias, saberes, tecnologias e histórias que é transmitido pela tradição oral ou escrita. Esses registros preciosos da cultura dos povos indígenas ainda são pouco utilizados na educação básica. Em seu livro *Contos indígenas brasileiros*, Daniel Munduruku compila contos da literatura Tupi, Nambikwara, Karajá e de outros povos indígenas. Tais narrativas permitem pensar estratégias mais inclusivas para o ensino da História, assim como desenvolver uma análise crítica da sociedade em que vivemos. Nesse sentido, a pesquisa visa analisar a literatura indígena, discutindo o patrimônio ambiental, as paisagens culturais e o patrimônio alimentar, nos modos de vida das populações indígenas, além de propor estratégias de ação que envolvam pesquisa e ensino em uma perspectiva interdisciplinar na educação básica. Dessa forma, a proposta de comunicação consiste em expor a análise de um dos contos trabalhados na pesquisa e explicar como a cosmovisão de povos indígenas pode contribuir para o estudo de temas como a história ambiental e a história alimentar na educação básica.

Palavras-chave: literatura indígena; história ambiental; história alimentar; ensino de História.

¹ A pesquisa foi desenvolvida com o apoio do CNPq.

² Acadêmica do curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille). E-mail: lauradeo.dossantos@gmail.com.

³ Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille; orientadora da pesquisa. E-mail: rbmeira@gmail.com.

⁴ Pós-doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade; coorientadora da pesquisa. E-mail: alessandra-mansur@hotmail.com.

DO GRÃO À PÁGINA: A SUPERPRODUÇÃO DO CAFÉ DURANTE A PRIMEIRA REPÚBLICA (1889-1930) NA LITERATURA BRASILEIRA¹

Jéssica Fernanda Barauna²
Roberta Barros Meira³

Durante a Primeira República (1889-1930), o café foi o maior produto de exportação nacional, garantindo a sobrevivência e manutenção da economia brasileira. O Brasil tornou-se dependente da mercadoria, e essa intrincada relação acarretou implicações não apenas econômicas, como também sociais. Ao analisarmos o conto “Café! Café!” (1900), de Monteiro Lobato (1882-1948), deparamos com uma sátira que aborda a questão dos cafeicultores da época e a crise de superprodução que ameaçava o setor. Nela, um grande cafeicultor encontra condições adversas para a plantação do produto, mas insiste em continuar apenas com o grão, recusando todas as oportunidades de diversificar sua produção, sempre alegando “só café!”, mesmo diante das constantes quedas do valor da mercadoria. O cafeicultor enlouquece e perde todos os seus bens e, mesmo assim, segue com uns poucos pés de café, com a esperança de o preço voltar a subir. Esse conto retrata a submissão ao produto do ponto de vista daqueles que compartilhavam com o Governo Federal a responsabilidade pela produção e superprodução da mercadoria, que, em virtude das políticas de intervenção implementadas a partir de 1906, garantiram os preços mesmo com um mercado desfavorável. Porém a análise literária do conto ilustra como os cafeicultores resistiam à ideia de diversificar suas plantações justamente por sempre lucrarem com o café, até isso deixar de acontecer. Tal pensamento dos agricultores culminou nas mais diversas consequências econômicas, políticas e sociais no Brasil, as quais são fundamentais para entendermos a complexa história nacional durante os anos da Primeira República.

Palavras-chave: café; Primeira República; literatura.

¹ Pesquisa sendo desenvolvida como pré-projeto para o Mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade Região de Joinville (Univille) e financiada pela Capes.

² Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. E-mail: jessicafernandaabaraunaa@gmail.com.

³ Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. E-mail: rbmeira@gmail.com.

MEMÓRIAS DE PROFESSORES: NARRATIVAS PERMEANDO PERCURSOS FORMATIVOS¹

Guilherme José Senem²
Allan Henrique Gomes³

Ser professor perpassa os mais diversos campos de conhecimento, vivências e desafios. É estar em constante formação ao passo que forma outros sujeitos. Uma atividade tão complexa e importante muitas vezes é desvalorizada no âmbito profissional ao ponto de o próprio docente reduzir sua atividade ao descaso. É nessa realidade que se fazem necessários percursos formativos focados além da atividade técnica do profissional da educação, mas também na formação pessoal do sujeito como professor, valorizando suas memórias, histórias e narrativas. Ao investigar narrativas de história de vida de docentes participantes de um percurso formativo dividido em cinco encontros que trabalham os diversos núcleos da experiência docente, podemos enxergar os potenciais formativos da atividade biográfica como ferramenta de formação continuada de professores. A dimensão biográfica constitui um espaço de rememoração que permite a organização de suas palavras, atribuindo forma e significado às suas experiências, de modo a refletir a constituição de uma identidade profissional configurada entre aspectos socioculturais e aspectos afetivo-volitivos. Ao revisitar e ressignificar suas memórias, construindo uma identidade profissional, o professor passa a ter uma visão ampliada sobre si e sua profissão, motivando o indivíduo nas suas práticas dentro e fora de sala de aula por meio da valorização de si como profissional, uma vez que compreende seu lugar em sociedade e seu papel e objetivos como professor, desenvolvendo seu trabalho de forma mais assertiva e crítica. Dessa maneira, um percurso formativo que valorize a personalidade se torna essencial para a ressignificação da profissão docente.

Palavras-chave: memória; formação docente; narrativa.

¹ Pesquisa vinculada ao projeto “*Performance narrativa: biografias de professoras no contexto de um percurso de formação continuada*”, desenvolvida com bolsa do Uniedu – artigo 170.

² Acadêmico do curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille). *E-mail*: senem.guilherme@outlook.com.

³ Professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Educação da Univille. *E-mail*: allan.gomes@univille.br.

O PAPEL DA UNIVILLE SÃO FRANCISCO DO SUL (2004-2024) NO DESENVOLVIMENTO DO ENSINO SUPERIOR NA CIDADE

Gabriel Wandersee¹
Fernando Cesar Sossai²

O trabalho pretende socializar resultados parciais de pesquisa relacionados à presença da Universidade da Região de Joinville (Univille) em São Francisco do Sul, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento do ensino superior nessa cidade litorânea. Esta comunicação explora os impactos positivos e as contribuições significativas da Univille para a comunidade local. Apresenta, em primeiro lugar, como a universidade contribui para o acesso à educação dos habitantes de São Francisco do Sul e facilita a entrada do ensino superior, reduzindo a necessidade de deslocamento para outras cidades em busca de formação acadêmica e fortalecendo a identidade cultural da região, por meio de atividades culturais, científicas e esportivas abertas à comunidade, com serviços de extensão que beneficiam diretamente os residentes. O trabalho baseia-se em fontes documentais, análise de documentos institucionais retirados do Centro Memorial da Univille (CMU) e da gestão documental da Univille. Os procedimentos também incluem a coleta de dados mediante entrevistas com membros da comunidade e análise de dados recolhidos do acervo do laboratório de História Oral da Univille (LHO). Além disso, a presença da Univille estimula o desenvolvimento econômico da cidade, atraindo estudantes, professores e funcionários, gerando empregos e estimulando o comércio local. Em resumo, a Univille São Francisco do Sul desempenha um papel fundamental no cenário educacional, econômico e social da cidade. Sua presença não apenas facilita o acesso à educação superior, como também impulsiona o crescimento econômico local e fortalece os laços comunitários, contribuindo para o desenvolvimento integral de São Francisco do Sul.

Palavras-chave: São Francisco do Sul; Univille; educação.

¹ Acadêmico do curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille), bolsista do LHO e do CMU, bolsista do Programa de Residência Pedagógica (PRP) e membro do Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Diferença (GPCCD). E-mail: gabrielwandersee@gmail.com.

² Professor dos Departamentos de História e Artes Visuais e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille, coordena o CMU e o LHO, além do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Univille (Pibid). E-mail: fernandosossai@gmail.com.

PROJETO DIOCESE DE JOINVILLE: 100 ANOS DE HISTÓRIA

Gabriel de Oliveira Borges¹

Esta comunicação visa compartilhar um relato de experiência do projeto “Diocese de Joinville: 100 anos de história”, firmado pelo contrato de prestação de serviços entre a Universidade da Região de Joinville (Univille), por intercessão do Laboratório de História Oral e Centro Memorial da Univille, e a Mitra Diocesana de Joinville. O projeto tem por objetivo a preservação da memória centenária da diocese, por meio de 30 entrevistas de história oral com sacerdotes, religiosos(as) e leigos(as), além de higienização e digitalização de livros de registros de batismo, matrimônio e óbito dos séculos XVIII e XIX da região norte e nordeste do estado de Santa Catarina. Metodologicamente, o projeto foi dividido em quatro frentes: 1) catalogação e identificação dos livros em seus respectivos registros; 2) embalagem e acondicionamento para transporte; 3) ação de conservação preventiva (higienização) a fim de prepará-los para digitalização; 4) realização das entrevistas de história oral, cujos entrevistados foram identificados internamente por membros da cúria diocesana, de acordo com sua participação durante os 100 anos da diocese. Também foi feito um levantamento prévio das suas biografias, projetos destacados e de sua vida sacerdotal, religiosa e leiga, bem como sua atuação na ação pastoral da Diocese de Joinville. Atualmente, o projeto está na etapa de digitalização e tratamento das imagens; já as entrevistas se encaminham para a elaboração dos roteiros de perguntas, correspondentes aos entrevistados, paralelamente aos convites que estão sendo feitos. O Centenário da diocese será comemorado em 2027, e a realização deste projeto possui grande impacto na historiografia de Joinville, uma vez que visa contribuir para a difusão da memória centenária da instituição, bem como dos livros de registros reconhecidos como Patrimônio Nacional pelo Decreto Federal n.º 7.107/2010.

Palavras-chave: Diocese de Joinville; conservação de documentos; história oral; patrimônio cultural; História.

¹ Acadêmico do curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille). E-mail: professorgabrielborges@gmail.com.

REFLEXÕES (ANTI)PATRIMONIAIS À LUZ DE MEMÓRIAS DE CONTROLADORES FABRIS EM JOINVILLE (2002-2007)¹

Francisco Lino de Aviz Neto²
Mariluci Neis Carelli³

Entre 2002 e 2007, trabalhadores das fábricas de transformação de plástico Cipla e Interfibra, então pertencentes à Corporação HB, comandada por Luís Batschauer, iniciaram uma greve de oito dias que gerou a ocupação e o controle proletário. Suas ações fora da ordem da *cidade do trabalho* produziram memórias dos chamados *controladores* que contribuem para reflexões (anti)patrimoniais, integradas às atualizadas formulações do campo do patrimônio industrial. Na presente exposição, recorte do capítulo três da dissertação de mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade (Univille) do autor, aponta-se para o (anti)patrimônio como uma proposta de discutir e apropriar-se dessas memórias de maneira viva, disputada e forjada pelo presente. Auxilia-nos na compreensão do patrimônio industrial para além do “*pedra e cal*”, isto é, suas dimensões e estruturas físicas, mas avança na crítica comprometida às patrimonializações institucionalizadas e legitimadas pelo Estado, que, para tal perspectiva, atendem aos interesses burgueses na sociedade e os reproduzem. Nesse sentido, propõem-se memórias proletárias como patrimonializáveis para quem lhes interessa: os próprios trabalhadores e agentes políticos dessa classe social. Este trabalho foi produzido com entrevistas orais, desenvolvidas com as metodologias da História Oral, e com revisão bibliográfica de autores críticos e referências do campo estudado. Com base nisso, questionar a “máquina patrimonial”, dando protagonismo aos patrimônios proletários, especialmente suas memórias e intenções, passou a ser central para a pesquisa, buscando, dialeticamente, ouvir os silenciamentos impostos às memórias desses controladores e suas próprias vocalizações.

Palavras-chave: patrimônio industrial; memória; movimento operário.

¹ Pesquisa desenvolvida com bolsa Prosuc/Capes (modalidade II).

² Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille). E-mail: profchicoaviz@gmail.com.

³ Professora dos Departamentos de Psicologia e Administração e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. E-mail: mariluci.carelli@gmail.com.

ONDE FICA O LIXO ELETRÔNICO DA CIDADE? UM ESTUDO SOBRE COLONIALISMO, MERCADO DE TECNOLOGIAS E LIXO ELETRÔNICO¹

Éwerton de Oliveira Cercal²
Mariluci Neis Carelli³

A presente comunicação tem por objetivo apresentar a proposta de dissertação de mestrado intitulada *Onde fica o lixo eletrônico da cidade? Um estudo sobre colonialismo, mercado de tecnologias e lixo eletrônico*, que tem por intuito estudar o imbricamento entre colonialismo, o mercado de produtos tecnológicos e o crescente consumo acelerado e, por consequência, o lixo eletrônico gerado e seu subsequente descarte, tendo em vista os impactos no patrimônio natural brasileiro. A pesquisa partirá de uma breve contextualização do colonialismo e de suas continuidades, especialmente o processo de exploração desenfreada de minérios no Sul Global para alimentar as linhas de produção do mercado de tecnologias para países do Norte Global. Ao final dessa cadeia, por consequência da vida útil cada vez mais limitada de tais produtos, temos o retorno ao Sul Global do lixo eletrônico gerado, despejado sem haver nenhuma preocupação com os eventuais danos socioambientais que causam. Entende-se, assim, que o colonialismo não se extinguiu, apenas reconfigurou as suas relações de dominação-exploração, sendo o colonialismo do lixo (*waste colonialism*), sobretudo no que tange o lixo eletrônico, um dos principais processos de contínuo risco ao patrimônio natural brasileiro e uma grave transgressão da dignidade humana e do direito a um futuro sustentável e em harmonia com o planeta Terra, conforme previsto nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Palavras-chave: colonialismo; lixo eletrônico; patrimônio natural.

¹ Estudo vinculado à linha de pesquisa Patrimônio, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille) e desenvolvido com bolsa Capes/CNPq.

² Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. E-mail: ewerton.cercal@gmail.com.

³ Professora dos Departamentos de Psicologia e Administração e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. E-mail: mariluci.carelli@gmail.com.

UM PATRIMÔNIO CONSTRUÍDO PELAS MÃOS: A LIBRAS COMO UM PATRIMÔNIO CULTURAL DA COMUNIDADE SURDA¹

Eloiza Bastos²
Roberta Barros Meira³

A presente comunicação tem por objetivo apresentar a proposta de dissertação de mestrado *Um patrimônio construído com as mãos: a Libras como um patrimônio cultural da comunidade surda*, cujo propósito principal é discutir como as paisagens da cidade de Joinville são percebidas pela comunidade surda, por meio da própria cultura, que é baseada no olhar, diferentemente dos ouvintes, que têm sua cultura baseada no ouvir. A pesquisa foca em suas histórias e experiências de vida, suas memórias e quer compreender o processo de construção de suas identidades, por isso se escolheu trabalhar com a História Oral, apesar de todos os desafios, dificuldades e incertezas. Isso porque a História Oral é uma alternativa sensível para a História oficial, pois escuta e registra a voz dos excluídos, das pessoas comuns, que geralmente são deixadas de lado na História oficial. Esta dissertação está propondo entrevistar pessoas da comunidade surda, o que implica entrevistar ouvintes, como familiares, professores e intérpretes, como também pessoas surdas não oralizadas e que façam uso da Libras. Aqui entende-se que a Libras, embora não seja uma língua oral, ainda é uma língua oficial e a forma pela qual as pessoas da comunidade surda se comunicam com o mundo.

Palavras-chave: surdez; patrimônio cultural; história oral.

¹ Projeto vinculado à linha de pesquisa CANA – Estudos sobre Circulação de Saberes, Natureza e Agricultura e desenvolvido com bolsa Capes/CNPq.

² Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille). E-mail: elobastos13@gmail.com.

³ Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. E-mail: rbmeira@gmail.com.

RESULTADOS PRELIMINARES DE ESTUDO SOBRE O PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL DA ARMAÇÃO BALEEIRA DE ITAPOCORÓI – PENHA (SC)¹

Eduardo da Silva de Castilho²

Dione da Rocha Bandeira³

Roberta Barros Meira⁴

Maria Cristina Alves⁵

A comunicação apresenta resultados preliminares de projeto de iniciação científica que busca colaborar com o estudo do processo de formação da armação baleeira do Itapocorói de Penha, litoral norte de Santa Catarina. Também visa refletir sobre as práticas econômicas e sociais ligadas ao patrimônio cultural da região, haja vista a intensa influência da cultura açoriana, principalmente em Penha. Pretende-se entender o uso atual da cultura material e imaterial açoriana como atrativo mercantil pelo governo estadual catarinense, centrado na capital, resultando na baixa concentração de verba destinada à manutenção desses patrimônios no norte do estado. Associado a isso, busca-se ampliar o entendimento da composição étnica e cultural, considerando a presença da população negra escravizada no trabalho de pesca de baleias, que mais tarde levou à formação de um quilombo na região, questão essa, de certa maneira, ofuscada em virtude da falta de trabalho que vise à recuperação histórica de tais espaços. Em termos metodológicos, a investigação valeu-se da pesquisa bibliográfica, documental e de campo.

Palavras-chave: armação baleeira de Itapocorói; patrimônio imaterial e material; norte catarinense.

¹ Pesquisa vinculada ao projeto “Memória açoriana frente às armações baleeiras do litoral norte catarinense” e financiada com bolsa CNPq no Laboratório de Arqueologia e Patrimônio Arqueológico (LAPArq) da Universidade da Região de Joinville (Univille).

² Acadêmico do curso de História da Univille. *E-mail:* eduardoedsdc@gmail.com.

³ Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. *E-mail:* dione.rbandeira@gmail.com.

⁴ Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. *E-mail:* rbmeira@gmail.com.

⁵ Arqueóloga e voluntária do LAPArq. *E-mail:* mariacristinaalves22@gmail.com.

HISTÓRIAS DE CRIANÇAS REFUGIADAS DE GUERRA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOB A ÓTICA DE UM PROFESSOR DE HISTÓRIA

Bruno Roque Younes¹

Este trabalho pretende relatar uma experiência de um professor de História que atuou como voluntário no Egito (2019-2020) em um projeto da Organização das Nações Unidas (ONU), nomeado Teaching for Refugees, em dois centros de ensino para refugiados: 1) Modern African Academy e 2) Good Sheperd Learning Center. O projeto tem por objetivo lecionar para crianças refugiadas de guerra de vários países da África, como por exemplo Sudão, Síria, Tunísia, e outros que sofreram com a Primavera Árabe que ocorreu no Oriente Médio a partir de 2010. Mediante a vivência com as crianças refugiadas entendeu-se, por meio da narração de vida dos refugiados que residem no Egito pós-Primavera Árabe, como funciona o ensino de História na República Democrática do Egito. O papel do historiador na atualidade é olhar para o passado a partir do presente. Dessa forma, cabe a esse profissional conhecer muito bem o seu próprio tempo. Assim, a escola é um espaço de conhecimentos organizados, um local de socialização e educativo da cultura histórica e, principalmente, de construção de identidades dos indivíduos sociais.

Palavras-chave: crianças refugiadas; História.

¹ Especialista em Antropologia Cultural pela Pontifícia Universidade Católica de Curitiba (PUC-PR). E-mail: brunoyounes47@gmail.com.

AUTORITARISMO E CRISE DA DEMOCRACIA NO BRASIL

Bruno Roque Younes¹

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre a crise da democracia liberal e a ascensão de ideias autoritárias no Brasil a partir do golpe parlamentar de 2016. A ascensão de manifestações de direita e de extrema-direita no país, na atual conjuntura, nos faz pensar sobre a complexa relação histórica entre Estado, autoritarismo e democracia no Brasil. Assim sendo, percebemos que a incipiente democracia liberal brasileira é sustentada por uma cultura política autoritária reprodutora de desigualdades, racismos, conformismos e violências. Nesse sentido, em oposição aos movimentos assinalados antidemocráticos, a democracia popular deve ser construída com base em novos valores éticos, morais, políticos, filosóficos e econômicos, radicais ao capitalismo e condizentes com práticas político-pedagógicas capazes de fomentar novos sujeitos sociais.

Palavras-chave: autoritarismo; democracia; crise da democracia.

¹ Especialista em Antropologia Cultural pela Pontifícia Universidade Católica de Curitiba (PUC-PR). E-mail: brunoyounes47@gmail.com.

A HISTÓRIA DA ARTE DA CURA DE ANIMAIS: PRÁTICAS DE BENZIMENTO REALIZADAS NO MUNICÍPIO DE JARAGUÁ DO SUL E REGIÃO¹

Arthur Antonius Eissler²
Roberta Barros Meira³

Os saberes de cura encontrados nas áreas rurais fazem parte de uma história de longa duração que perpassa a imigração e a reocupação das terras no Sul do Brasil. As práticas de cura utilizadas na pecuária ainda carecem de pesquisas mais aprofundadas, principalmente em algumas regiões. A pouca valorização dos saberes populares dos imigrantes reflete o processo de fortalecimento das ciências agronômicas e da veterinária na segunda metade do século XIX. No entanto essas práticas consideradas “atrasadas” pelos técnicos tiveram importância considerável no passado, mantendo-se vivas até os dias atuais. Nesse sentido, o objetivo da presente pesquisa é compreender os diferentes modos pelos quais a cultura popular do benzimento de animais era e continua sendo praticada no município de Jaraguá do Sul e região. O estudo ocorrerá por meio da realização de entrevistas orais com benzedores de animais locais, devendo os relatos obtidos serem comparados com aquilo que a literatura especializada, exemplificada por Bethencourt (1987), Cascaes (2015), Cascudo (2005), Freyre (1933) e Souza (2021), aborda sobre o benzimento de animais em outras épocas e locais, como em Portugal dos séculos XV e XVI, no Brasil Colônia e na Florianópolis contemporânea.

Palavras-chave: benzimento de animais; Jaraguá do Sul; religiosidade popular; história oral.

¹ Projeto de Pesquisa Voluntário.

² Acadêmico do curso de História da Universidade da Região de Joinville (Univille). *E-mail:* eissler.arthur@gmail.com.

³ Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille; orientadora da pesquisa. *E-mail:* rbmeira@gmail.com.

O FILME *PANTERA NEGRA* (2018) COMO INSTRUMENTO DE DECOLONIALIDADE: RELATO DE APLICAÇÃO DE ATIVIDADE AVALIATIVA EM TURMAS DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO¹

Angela Maria Vieira²

Gabriel Henrique de Oliveira Furlanetto³

A decolonialidade, como forma de pensamento que se faz urgente no âmbito do ensino básico e em várias esferas sociais, pode ser um meio para problematizar e desconstruir as representações estereotipadas sobre o continente africano. Em suma, a África, em regimes de representação (conceito promovido por Stuart Hall), é retratada como uma extensão territorial marcada somente pelas adversidades econômicas que resultam em fome e carência de saneamento básico e demais infraestruturas. Nesse sentido, alunos de ensino básico, por normalmente se envolverem no consumo de recursos da mídia e da indústria cultural que estão submetidos a tais regimes – como os canais televisivos e a *web* –, tendem a possuir os seus próprios imaginários formados pelas representações coloniais e estereotipadas. Tendo isso em perspectiva, em turmas do primeiro ano do ensino médio da Escola de Educação Básica Dr. Jorge Lacerda foi ministrada, em componente curricular de História, uma atividade avaliativa intitulada “O filme *Pantera Negra* (2018) como instrumento de decolonialidade”, no almejo de problematizar e desconstruir tais frutos dos regimes de representação, na utilização de conteúdo histórico e, como objeto gerador, o produto cultural que deu jus ao título da atividade. O objetivo desta apresentação de trabalho é, com a prática da revisão bibliográfica, comunicar parte das produções intelectuais dos discentes elaboradas nessa atividade avaliativa, que consistiu no selecionamento e análise dissertativo-argumentativa de uma das cenas do filme. Desse modo, será visto o desempenho discente em desconstruir as representações coloniais e estereotipadas, na circunstância do filme *Pantera Negra* como objeto gerador.

Palavras-chave: decolonização no ensino médio; objeto gerador; filme *Pantera Negra*.

¹ Apresentação de trabalho vinculada ao Programa de Residência Pedagógica (PRP), promovido pela Capes, aplicado na Universidade da Região de Joinville (Univille) sob a temática “O Novo Ensino Médio em perspectiva” e no subprojeto em História. A coordenação institucional ocorreu pela professora mestra Claudia Valéria Lopes Gabardo, enquanto a coordenação do subprojeto, realizada pelo cargo de docente orientador, ocorreu pelo professor doutor Wilson de Oliveira Neto.

² Mestranda em Ensino de História pela Universidade Estadual de Santa Catarina (Udesc). E-mail: angelamaria.historia@gmail.com.

³ Acadêmico do curso de História da Univille. E-mail: gabriel28_oliveira@hotmail.com.

ENSINO DE HISTÓRIA PARA MARCOS ANTÔNIO SILVA: ÚLTIMA ENTREVISTA EM VIDA

Aldry Pereira Chaves¹
Yomara F. C. de Oliveira²

Apresento um recorte da experiência de iniciação científica, no âmbito do projeto “Histórias de vidas e memórias de professoras/es do campo do ensino de História”, no qual integro um coletivo de pesquisadores nacionais empenhados na construção de fontes sobre o seu próprio campo de atuação, em parceria com a Associação Brasileira de Pesquisa em Ensino de História (ABEH), a Universidade da Região de Joinville (Univille) e o Museu da Pessoa. Uso o Procedimento Operacional Padrão (POP) produzido em uma fase deste projeto, e a obra *A busca do outro e de nós* norteia as transcrições das entrevistas. A comunicação visa analisar a entrevista realizada com o professor Marcos Antônio Silva (1950-2024) – visto que é uma referência no campo do ensino de História, razão pela qual o escolhi para ser aqui analisado – em 7 de julho de 2022 pela professora Raquel Alvarenga Sena Venera. Para tanto, mobilizo autores como Pierre Bourdieu (2006), para pensar a noção de campo, Ecléa Bosi (2023), para movimentar os conceitos de memórias e História Oral, além de bell hooks (2022), ao realizar um diálogo com o campo da educação, para possibilitar uma compreensão da seguinte questão: O que Marcos Silva enunciou sobre educação e ensino de História? No momento esta foi sua última entrevista, tendo em vista que faleceu neste ano.

Palavras-chave: história oral; ensino de História; memória de professores.

¹ Acadêmica do curso de História da Univille; bolsista CNPq. E-mail: aldrypchaves@gmail.com.

² Professora substituta da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). E-mail: yoliveirafagionato@gmail.com.

EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E OPORTUNIDADES NO TRABALHO DE REQUALIFICAÇÃO DO ACERVO EM FITAS CASSETE DO LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ORAL

Thiago Luiz Corrêa¹
Fernando Cesar Sossai²
Ilanil Coelho³

Esta comunicação visa compartilhar os resultados obtidos ao longo do processamento técnico voltado à identificação, requalificação e sistematização de entrevistas de história oral suportadas em fitas cassete pertencentes ao acervo do Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville (Univille). Metodologicamente, o projeto consiste em três fases: avaliação das mídias físicas e de suas eventuais versões digitais já disponíveis no acervo; redigitalização das fitas a fim de torná-las em conformidade com as melhores práticas previstas pelos manuais de arquivologia; realização de tratamentos digitais de áudio, sobretudo com o objetivo de ampliar o acesso a essas fontes, tornando a compreensão das falas mais nítidas para futuras consultas de pesquisadores. Entre os desafios enfrentados, apresentam-se mídias físicas necessitando de um trabalho de higienização não fornecido por empresas de Joinville, adversidades na operação dos dispositivos gravadores pelos entrevistadores, considerável aumento no consumo de armazenamento das novas versões digitais e baixa acurácia das ferramentas de transcrição automatizada. Foram também identificadas perspectivas positivas nas oportunidades de melhoria das fichas de consulta e planilhas de classificação, com vistas a fornecer aos pesquisadores e à equipe técnica do LHO/Univille um maior nível de informação e contexto a respeito das entrevistas e suas transcrições. O projeto ainda segue em andamento, mas já demonstra resultados satisfatórios nas coleções de entrevistas em que foi implementado, evidenciando novas possibilidades para trabalhos de ensino, pesquisa e extensão que fazem uso do acervo do LHO/Univille.

Palavras-chave: história oral; digitalização; arquivologia; cultura digital; fontes orais.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille); voluntário do Laboratório de História Oral (LHO) da Univille. *E-mail:* thiago.correa@protonmail.com.

² Professor dos Departamentos de História e Artes Visuais e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille, coordena o Centro Memorial da Univille (CMU) e o LHO, além do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Univille (Pibid). *E-mail:* fernandosossai@gmail.com.

³ Professora do curso de História e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. *E-mail:* ilanilcoelho@gmail.com.

PÔSTERES

XXIX Semana de História da Univille

Introdução

Este projeto tem como objetivo final a criação de um arquivo comunitário dentro da Associação de Moradores e Amigos do Bairro Itinga – AMORABI, neste ambiente que viveu o proprietário dos documentos que irão compor grande parte do arquivo comunitário - Benedito Clóvis, trabalhador e militante da Pastoral Operária. Esse banner é resultado da primeira etapa desta iniciativa, orientada pelos professores Dr. Fernando Sossai e a Dra. Sirlei de Souza, desenvolvida pelos estudantes do 2º semestre do Curso de História da Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE.

0 Acervo

Formado por doação familiar, o acervo contém grande variação de fontes produzidas, dado a atuação do Dito em diferentes pontos de militância. O maior desafio para os estudantes foi organizar as fontes encontradas na chegada à associação. Os materiais foram divididos por temas e temporalidade para facilitar a compreensão dos documentos estudados. Feito isto, houve a higienização e separação para análise historiográfica, nessa análise, mantivemos o recorte entre os anos 1990- 1999 e optou-se pelas tipologias com maior relação com o espaço de luta e militância na Pastoral Operária. E sem a história e os documentos de Clóvis, “não existiria outro modo de perceber estas sociedades [...] senão a partir das chamadas ‘fontes históricas’, aqui entendidas como os diversos [...] materiais de vários tipos que, deixados pelos seres humanos historicamente situados no passado, chegaram ao tempo presente através de caminhos diversos.” (Barros, 2020.)

Figura 1 - Organização das fontes pela turma do 2º semestre

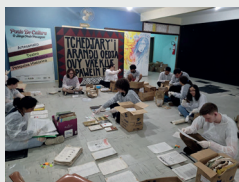
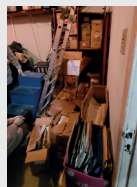


Figura 2 - Acervo pessoal do Dito



Lutador Dito e a Organização Operária em Joinville

Ana Caroline Oliani (Univille), Cristian Clevon (Univille), Eranildo Costa (Univille) e Laura de Oliveira (Univille)

Pastoral Operária

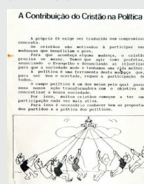
É fundamental a produção de pesquisas com os documentos de Benedito Clóvis, tendo em vista que a documentação apresenta informações importantes para a produção de uma história popular, que coincide com a base de atuação da Pastoral Operária. Uma Pastoral Social a serviço da classe trabalhadora urbana, composta e dirigida pelos trabalhadores(as). Faz parte de uma série de movimentos sociais das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que derivam da Teologia da Libertação.

São organizações populares nos bairros, que espalham o Evangelho e a consciência de classe e, durante a Ditadura Civil-Militar brasileira, “os cristãos participantes das CEBs fizeram enfrentamento ao regime opressor, construíram a fraternidade com as próprias mãos, servindo nos ambulatórios populares, nas feiras comunitárias, nos sindicatos, nos mutirões para a construção de casas” (SILVA; MORAES, 2019, p. 2), entre outras ações de solidariedade de classe.

Figura 3 - Cartão postal CPO Nacional



Figura 4 - Clipagem folhetim CPO



Considerações finais

Conforme os documentos presentes para análise, é notável como a comunidade se envolvia e estava disposta ao debate sobre as lutas de classe, devido aos movimentos sociais que ganharam força no período de abertura e pós ditadura no Brasil. No desenvolvimento do trabalho, foi possível nos aproximar e conhecer a importância do ofício do historiador em termos práticos. É possível compreender, através das fontes, como o espaço surge e como a Pastoral Operária organizava suas bases militantes em espaços onde majoritariamente residia a classe operária.

Referências

Barros, José D'Assunção. Fontes Históricas: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e à sua variedade de tipos. Cadernos do Tempo Presente, v. 11, n. 02, p. 03-26, jul./dez. 2020.
PETRY, Cristovão. O TEATRO EM COMUNIDADES PERIFÉRICAS: uma trajetória desenvolvida no bairro Itinga (Joinville/SC). 2016. 214 f. Dissertação (mestrado) - Curso de Administração Pública, Centro de Ciências da Administração e Socioeconômicas - Esag, Universidade do Estado de Santa Catarina - Udesc, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://sistemabuu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00001e100001e01.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2023.
SILVA, Fernanda Eliza da; MORAES, Marília Crispi de. Silêncios do Jornal A Notícia. Acerca da resistência das CEBs frente à Ditadura Militar entre 1970 e 1980. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS E DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, n.20, 2019, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: Intercom, 2019. p. 1-14. Disponível em: <https://portafintercom.org.br/anal/sul2019/resumos/R65-0694-1.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2023.

Patrocínio:



Realização:



XXIX

Semana de História
da UnivilleO PROCESSO DE CONSERVAÇÃO DE LIVROS DE REGISTROS DE
BATISMOS, CASAMENTOS E ÓBITOS DOS SÉCULOS XVIII E XIX
DA DIOCESE DE JOINVILLE

Gabriel de Oliveira Borges – Univille

Introdução

Este banner visa compartilhar as experiências do processo de conservação de livros históricos que integra parte do projeto “Diocese de Joinville (100 anos de história)”, fruto de um contrato de prestação de serviço entre a Universidade da Região de Joinville, por intercessão do Laboratório de História Oral e Centro Memorial da Univille, e a Mitra Diocesana de Joinville. Inicialmente, abordaremos a parte de acondicionamento destes, bem como os materiais utilizados para tal. Por fim, destacaremos a importância da ação de conservação preventiva, tanto para futuras pesquisas quanto para conservação.

Acondicionamento

O acondicionamento para transporte foi a parte inicial do processo. Seu objetivo visou proteger seu estado atual ao ser transportado para o destino. Segundo Teixeira e Ghizoni (2012), “na maioria das vezes, muitos danos irreversíveis no acervo são causados por pessoas inabilitadas durante o manuseio”. Logo, é imprescindível o uso de técnicas adequadas para que o material não seja prejudicado. Além do cuidado técnico, também se faz necessário uma atenção aos equipamentos de proteção, como, por exemplo, “o uso de guarda-pó[...]as mãos devem estar limpas, sem qualquer creme, coberta por luvas brancas de algodão ou cirúrgicas” (Teixeira e Ghizoni, 2012, p. 23). Os materiais usados nesta etapa visaram garantir a integridade do acervo, tendo características protetoras e neutras para impedir que as interferências externas entrem em contato com o objeto. Para isso, foi utilizado duas camadas de Tecido não tecido (TNT), intercalado a uma de plástico bolha. Por fim, faz-se uma amarração com fio barbante coloca-se em uma caixa organizadora.

Higienização

A higienização é uma intervenção no documento “que consiste na eliminação da sujidade, como poeiras e partículas sólidas que se depositam sobre a superfície do objeto, limpando de forma cuidadosa” (Teixeira e Ghizoni, 2012, p. 32). Nesta etapa, fez-se necessário o uso de trinchas, bisturi, “boneca” e “pó de borracha” para a remoção das sujidades. Consiste numa etapa cuidadosa e fundamental para a conservação preventiva dos documentos. Nela, também, foi feito uma análise minuciosa a respeito do estado de conservação do objeto.

Considerações finais

Os livros encontram-se na fase de digitalização para, posteriormente, prosseguir com a etapa de restauro. Essa ação mostra sua importância histórico-cultural, uma vez que estes são considerados Patrimônio Nacional pelo Decreto Federal nº 7.107/2010. Ademais, o ato de conservação preventiva é de suma importância para a manutenção do patrimônio cultural da instituição. Para Delmas (2010), “lembrar é uma necessidade da vida cotidiana de qualquer pessoa ou instituição, é o resultado da necessária continuidade da vida dos indivíduos como organismos, isto é, a continuidade de cada uma de suas ações”.

Referências

BRASIL. **Decreto nº 7.107, 11 de fevereiro de 2010.** Promulga o Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e a Santa Sé relativo ao Estatuto Jurídico da Igreja Católica no Brasil. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2010.
DELMAS, Bruno. **Arquivos para quê?** Textos Escolhidos. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2010.
TEIXEIRA, L.C.; GHIZONI, V.R. **Conservação preventiva de acervos.** Estudos museológicos. Vol. 1. Florianópolis: FCC Edições, 2012.

Patrocínio:

Realização:

Curso de
História

XXIX Semana de História da Univille

A trajetória de Benedito Clóvis

Beatriz Oliveira Goulart Nunes, Eduarda Beatriz Teixeira, João Otávio Okonski Gobbi
(Curso de História/Univille)

Introdução

Benedito Clóvis da Silva, também conhecido como *Dito*, foi um trabalhador da Associação de Moradores e Amigos do Bairro Itinga - AMORABI (a qual tem como principal luta a reivindicação de melhorias do bairro e o fomento cultural à comunidade). Dito foi militante e membro da pastoral operária durante os anos 1980.

Quando analisamos as fontes de forma isolada, não obtivemos muitas informações. Apenas quando as reunimos podemos visualizar como a militância de Dito ocupava diversos âmbitos de sua vida. Nesse sentido, o historiador José D'Assunção Barros destaca que "constituir uma fonte é deslocar algumas certidões de nascimento ou casamento que se acham trancadas em um arquivo e transformá-la em uma série que passa a dizer alguma coisa que, isolados, estes documentos não diziam antes" (BARROS, 2020, p.12).

Neste banner, nossa proposta é demonstrar os locais e regiões pelo Brasil pelos quais Dito circulou e possuía relação, evidenciando que suas lutas e trabalhos não se limitavam a Joinville.

Conexões pelo Brasil



Figura 2: Selos de cartões-postais. Fonte: João Otávio Okonski Gobbi. Joinville, 5 de dezembro de 2023. Acervo da AMORABI.

Selos de cartões-postais, que são as fontes que melhor demonstram a amplitude de rede de comunicações, conexões e passagens que Benedito Clóvis, indo além de Joinville. Entre mais de 200 selos/cartas presentes entre as documentações do arquivo da AMORABI, foram encontrados alguns de diferentes locais do país: Florianópolis, Curitiba, Salvador, Natal, Maringá e São Paulo. Também, de localidades na Alemanha, Argentina e Bolívia.

Militância e fé pelo país

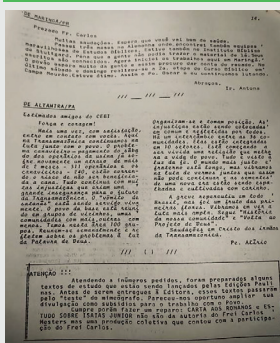


Figura 1: Cartas da CEBI. Fonte: João Otávio Okonski Gobbi. Joinville, 5 de dezembro de 2023. Acervo da AMORABI.

Conjunto de cartas enviadas para o CEBI (Centro de estudos bíblicos), de Maringá (PR) e Altamira (PA). Além dessas cartas, também foram encontradas cartas de Barra Mansa (RJ), Jardim Centenário (SP), Belo Horizonte (MG), Dourados (MS), Terranova (MT).

Tais cartas registram os estudos bíblicos e outros assuntos relacionados a pastorais, tema frequente nas fontes encontradas no acervo comunitário da AMORABI. Com estas cartas é possível estabelecer parte da rede de conexões das fontes em relação às pastorais operárias e os movimentos de militância de Dito fazia parte e era muito ativo.

Considerações finais

Neste trabalho, é possível analisar que o trabalho e as lutas de Dito não se fixaram apenas no território joinvilense, mas também foram espalhados pelo Brasil, e até mesmo em âmbito internacional.

Benedito foi um homem de garra e muita fé, o qual criou conexões com diversas pessoas pela região do nosso país, buscando sempre lutar pelos seus ideais.

Conhecer a história de Dito é conhecer a história da AMORABI e, também, compreender a importância do trabalho voluntário não só no bairro Itinga, mas também na nossa cidade.

Referência

BARROS. José D. A. Fontes históricas: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e à sua variedade de tipos. **Cadernos do Tempo Presente**, v. 11, n. 2, p. 03-26, jul./dez. 2020.

Patrocínio:

Realização:



Semana de História
da Univille

Introdução

Diante do avanço das tecnologias de deslocamento e do imperialismo europeu, as expedições e viagens para as diferentes regiões do mundo, se proliferaram no século XIX. A partir deste contexto, o Brasil foi um dos países que exerceu grande atração sobre estrangeiros, pois era famoso não só pela natureza, mas pelo exotismo encontrado nas tais “raças misturadas”. “O Brasil é, especialmente para o viajante estrangeiro, uma terra de peculiaridades”. Dentre estes exploradores e viajantes, se encontrava o inglês Richard Francis Burton (1821-1890). Sua carreira como explorador se consolidou após sua passagem pela Companhia das Índias Orientais, seguindo por viagens pelo Oriente Médio e regiões da África. Logo após seu casamento, muito influenciado pela família da mulher, Burton entrou para o serviço diplomático britânico. Em seu primeiro encargo, ocupou o posto de Cônsul em Fernando Pó até 1865, quando foi transferido para a cidade de Santos.

Sua estadia no Brasil

Durante sua estadia no Brasil, entre 1865 e 1869, percorreu algumas regiões do interior, com destaque para a Província de Minas Gerais. Precisamente, seus relatos acerca de sua experiência no Brasil, começaram em 1867 na cidade do Rio de Janeiro, com destino a mina de Morro Velho, onde desejava visitar a Companhia de Mineração inglesa da região, além de transitar por outras cidades importantes da região, como Barbacena, Ouro Preto e Mariana.

Seus relatos tinham como objetivo mostrar a riqueza do solo e o potencial para investimentos no ramo de exploração de minérios no Brasil. Seu destino, Morro velho, se encontrava uma das maiores minas de ouro do mundo, explorada por uma empresa britânica desde 1834 que se perduraria até 1957, com o nome de São João d’El Rey Mining Company. Burton, considerava que o papel da ciência na exploração das minas brasileiras foi fundamental para a obtenção de resultados consideravelmente promissores. Além disso, é importante ressaltar que, nas minas mineiras a força de trabalho era marcada por uma alta presença de escravos, trazendo à tona nos relatos de Burton, uma discussão racial com um viés de embranquecimento da população brasileira.

DO RIO DE JANEIRO A MORRO VELHO: RICHARD BURTON E SUAS IMPRESSÕES ACERCA DA FLORA, FAUNA, GEOGRAFIA E POPULAÇÕES NAS PAISAGENS MINEIRAS

Autores: Vanessa Heidemann; Paulo Henrique Fernandes Goulart
Coautor(a): Roberta Barros Meira
Universidade da Região de Joinville - Univille

Descrevendo a população Brasileira

Dito isso, o viajante discorrerá sobre questões raciais em seus escritos, defendendo o fim do tráfico negreiro, e se colocando a favor de uma política imigratória para um embranquecimento da população, pois como ele mesmo coloca: “à medida que a escravidão for diminuindo, tal imigração aumentará”, uma vez que segundo ele, “as duas não podem coexistir” (BURTON, 2001, pág. 27)

A partir deste ponto de vista hegemônico, Burton relata que, os escravizados importados da África eram tratados com humanidade, sem vista de crueldade alguma. Além disso, em seu discurso, se coloca em uma posição alinhada à elite da época, numa escrita, hoje, considerada racista, afirma que o tráfico negreiro “não foi de todo mal”, uma vez que, entrou em contato com a raça superior presente no Brasil.



S. John Del Rey Mining Company : Morro Velho
Riedel, Augusto, 1836-
ca.1877

Considerações finais

Em sua trajetória como viajante, Richard Francis Burton entrou em contato com diversos países e sociedades além do Brasil, como; África e Ásia. Sobretudo, no Brasil, demonstrou interesse em conhecer melhor o país, com o objetivo de transpor suas experiências para o público europeu, tendo em vista que os próprios desconheciam o interior do país como sociedade. Burton apresentou o cotidiano das regiões visitadas, assim como descreveu e comentou sobre a sociedade, tanto os aspectos políticos quanto os econômicos.

Referências

BURTON, R. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Brasília: Senado Federal, 2001
COUTE, Ebenézer Pereira; COSTA, Armando dalla. *TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA EMPRESA MINERAÇÃO MORRO VELHO*. Disponível em:
https://www.abphe.org.br/arquivos/2003_2003
FERREIRA, Cristina; BACHMANN, Martin Pezzini. *O olhar estrangeiro na viagem do rio de janeiro a morro velho: natureza, escravizados, libertos e imigrantes nos relatos de richard f. burton sobre o brasil (1869)*. Disponível em:
<https://periodicos.ufes.br/agora>.
RIEDEL, Augusto. *S. John Del Rey Mining Company : Morro Velho [Iconográfico]*. 1836-1877. Disponível em: <https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.html>.

Patrocínio:

Realização:



XXIX

Semana de História
da UnivilleA HISTÓRIA NÃO CONTADA DO POVO BRASILEIRO:
"COMO SE DEVE ESCREVER A HISTÓRIA DO BRASIL"
PELOS OLHOS DE CARL VON MARTIUSAutor(a): Julia Stolf Cipriano
Coautor(a): Marlon Marcelo Soares

Introdução

Carl Friedrich Philipp von Martius (1794 - 1868) foi um médico, botânico, antropólogo e um dos mais importantes pesquisadores alemães que estudaram o Brasil, especialmente a região da Amazônia. Von Martius chegou ao Brasil em 1817, fazendo parte da comitiva da arquiduquesa austríaca Leopoldina, que viajava para casar-se com Dom Pedro I, onde recebeu da Academia de Ciências da Baviera o encargo de pesquisar as províncias mais importantes do país e formar coleções botânicas, zoológicas e mineralógicas. Foi durante sua estadia no Brasil que Von Martius teve a sua monografia vencedora em um concurso organizado pelo recém-criado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), intitulada "Como se deve escrever a história do Brasil", que foi publicada pelo IHGB em 1844.

O mito das três raças

Von Martius inaugura uma linha de pensamento que descreve a formação da identidade nacional brasileira a partir da junção das três diferentes "raças": os indígenas, os portugueses e os africanos. Para ele, os povos indígenas não tem a história dividida em épocas distintas e não oferece monumentos visíveis, boa parte do que sabemos dessas populações foi transmitida como história oral, portanto ainda há muito trabalho para ser feito pelos historiadores brasileiros nessa área, pois os indígenas são os povos originários do Brasil. O período de "descoberta" e colonização do Brasil não pode ser compreendido sem o contexto das façanhas marítimas, comerciais e guerreiras dos portugueses, pois essas tiveram grande influência sobre a política e comércio do país. Não há dúvida, também, que o Brasil teve atuação dos escravos africanos no seu desenvolvimento civil, moral e político, pois a África foi "visitada" pelos portugueses antes da chegada deles ao país, então imprimiram movimento na indústria, agricultura e comércio das colônias africanas para o Brasil.



VON MARTIUS, Karl Friedrich Phillip. Silva Primaeva Inter Ubatuva et Jundicuarã, in Confiniis Prov. S. Pauli et Sebastianopolitanae. 1852.

Considerações finais

Segundo as ideias de Von Martius, das relações mútuas e das mudanças entre os indígenas, os negros e os portugueses que ocorreu o desenvolvimento físico, moral e civil da população do Brasil. Os portugueses, como "povo conquistador" e "senhor", tiveram grande influência na formação de um reino brasileiro independente, sendo um poderoso motor de desenvolvimento. Porém, é um erro historiográfico desprezar as forças dos indígenas e dos negros importados, pois esses também representaram um importante papel na formação da população do país. Essa diversidade não é suficientemente reconhecida no Brasil, por isso o papel do historiador em sua pátria é de suma importância. Uma obra historiográfica sobre o Brasil deve apresentar a formação da sua população em totalidade, difundindo a "verdadeira" história do país e despertando todas as virtudes cívicas.

Referência

VON MARTIUS, Karl Friedrich Phillip. **Como se deve escrever a história do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1844.

Patrocínio:



Realização:



XXIX

Semana de História
da Univille

Uma análise crítica da história do café no Império: As fotografias de Marc Ferrez e a escravidão no Vale do Paraíba fluminense

Ian Palmeiro Rebuli, Ruan Vinicius Cochela, Vitor Alves de Oliveira
(UNIVILLE)

Introdução

A fotografia faz parte da história do Brasil desde 1840, retratando diferentes sujeitos históricos que compunham a paisagem urbana e rural. Com o fortalecimento do discurso abolicionista, os retratos de escravizados que retratavam a benignidade desse sistema de trabalho, passou a fazer parte do repertório vendido no Brasil Império. Marc Ferrez atuou como fotógrafo da corte brasileira, contratado pela Central da Lavoura e do Comércio veio a realizar suas fotografias no Vale do Paraíba Fluminense, onde a intenção era alavancar as vendas de café à partir de exposições universais, das quais eram “verdadeiras vitrines do progresso” (MUAZE, 2017).

O apagamento da senzala



Partida para a colheita do café. Marc Ferrez, década de 1880. Col. Thereza Christina Maria, BN.

Essa fotografia, feita no terreiro de macadame com os escravizados alinhados em frente à senzala, demonstra o apagamento e as diferenças na hierarquia social e no trabalho. Dando mais ênfase na tecnologia e escondendo a porta da senzala atrás dos escravos bem vestidos.

A imagem evidenciada se constrói a partir da hierarquia feitor/capataz (primeiro da esquerda para a direita) e escravos. Levemente à frente, esse era o único homem a usar sapatos, símbolo de liberdade na sociedade imperial (MUAZE, 2017).

Cenografia do atraso



Fazenda não identificada. Marc Ferrez, década de 1880. Col. Gilberto Ferrez, IMS.

As imagens de Marc Ferrez tentam retratar a produção de café como grandiosa e eficiente. Os escravizados são elementos pequenos em relação ao café a elite cafeeira. A divisão organizada das funções de trabalho e as roupas limpas servem para “maquiar” a dura realidade dessa população e do trabalho (VIEIRA, 2015).

Considerações finais

As fotos analisadas em suas devidas conjunturas históricas indicam para uma construção de uma identidade nacional partindo das elites e do Império Brasileiro, devido a Marc ser fotógrafo da corte e também das oligarquias escravista da época. É possível notar que este projeto brasileiro de civilização tenta se mostrar ocultando tensões sociais, mas também, já se demonstra em decadência do seu projeto de desenvolvimento, visto que a paisagem das próprias fotos de Marc demonstram uma degradação das paisagens e morros.

Referências

MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. Violência apaziguada: escravidão e cultivo do café nas fotografias de Marc Ferrez (1882-1885). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 37, p. 33-62, 2017.
VIEIRA, Luis. Marc Ferrez e as fotografias da cafeicultura do Vale do Paraíba: identidade nacional e produção no Brasil no fim do Segundo Império. *Epigrafe*, São Paulo, p. 137-151, 2015.

Patrocínio:



Realização:



Introdução

"Pareceu-nos mais acertado colecionar, durante a viagem, exemplares tanto de formações orogênicas, quanto de maravilhas etnográficas, e, em particular, de animais e plantas, dar assento, em nosso diário, a descrições e notícias minuciosas, como nos fosse possível, e graças a isso tudo, uma vez de volta à pátria, preparar uma exposição científica pormenorizada" (Martius, 1938, p. 480, grifo nosso).



Silva primæva viam publicam obumbrans inter Jacarehy et aldeia da escada, prov. S. Pauli; Coleção Brasileira Itau.

Suculentas e Petúnias

A flora brasileira é uma das mais ricas e diversas do mundo, abrigando uma variedade impressionante de espécies vegetais devido à sua vasta extensão territorial e diversidade de ecossistemas. Grande parte dos viajantes que exploraram o Brasil ao longo da história ficaram maravilhados com a exuberância e a diversidade da flora encontrada no país. Seus relatos descrevem vastas florestas tropicais, rios sinuosos e uma profusão de cores, aromas e utilidades das espécies nativas coletadas e catalogadas. Durante as expedições científicas foram coletadas milhares de espécimes botânicos, revelando ao mundo a riqueza da flora brasileira na primeira metade do século XIX.



Prope Jundicursu Prædium in Districtu Ubatuba, Prov. Rio de Janeiro. Arquivo de Iconografia / Instituto Moreira Salles.

Canetas Tinteiro e Bloquinhos

Suas contribuições científicas foram significativas para a compreensão da biodiversidade brasileira e as expedições científicas e os relatos de viajantes desempenhavam um papel fundamental na coleta de informações sobre a flora do país, desempenhando um papel significativo na ciência nacional e estrangeira. Carl Friedrich Philipp von Martius, naturalista alemão que integrou a missão científica austríaca, percorreu as províncias de Minas Gerais, Bahia, Goiás, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Belém e parte da Amazônia. Além da publicação dos três volumes do livro Viagem ao Brasil, Martius iniciou a escrita do catálogo Flora Brasiliensis – obra inconclusa, publicada em 1906. A obra contém tratamentos taxonômicos de 22.767 espécies, reunidos em 15 volumes. Nesse sentido, busca-se, nessa comunicação, discutir as possibilidades do uso das iconografias de Von Martius no ensino de história, partindo da história ambiental para pensar o passado e a destruição ambiental que vivemos no presente.

Considerações finais

Explorar a exuberante vegetação brasileira através dos relatos de viagens é uma jornada que nos transporta para além das páginas dos livros e nos envolve em uma experiência sensorial única. Ao percorrer as vastas florestas tropicais da Amazônia, os coloridos campos do cerrado, as imponentes matas atlânticas e os delicados ecossistemas do Pantanal, somos imersos em uma riqueza de biodiversidade que encanta e inspira. Nesses relatos, testemunhamos não apenas a beleza deslumbrante da natureza, mas também a complexidade de sua interação com as comunidades humanas que habitam essas regiões há séculos.



Astrocaryum lauari. Leopoldina pulchra. Coleção Brasileira Itau.



Astrocaryum gynacanthum. Bactris pectinata. Bactris hirta. Coleção Brasileira Itau.

Referências

GUIMARÃES, M. L. S. História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*, v. VII, n. 2, p. 389-410, jul.-out. 2000.

Patrocínio:

Realização:



XXIX

Semana de História
da UnivilleA política indigenista no Brasil imperial: a construção da
identidade brasileira e as obras de Carl Von Martius e José
de Alencar

Gabriela Riegel Cisz, Micaella Albuquerque Martins, Vítor Augusto Joenk (Univille)

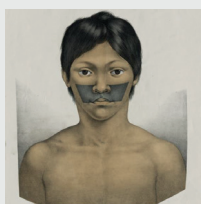
Introdução

A Independência do Brasil em 1822 fez surgir a necessidade de construir uma identidade própria para a jovem nação que se formava. Em contraposição aos colonizadores europeus, a história brasileira contava, entre outras particularidades, com uma importantíssima presença indígena em suas páginas que, ao mesmo tempo que passavam por incontáveis formas de violência e eram desprezados por grande parte da população “branca” como uma “raça inferior”, eram também reivindicados por alguns intelectuais do período como elo de um “passado comum” - que marcava a diferenciação do Brasil em relação ao velho mundo europeu (Monteiro, 2001, p.130).

O objetivo deste trabalho é investigar a política indigenista do Brasil Império, utilizando obras como “Iracema” de José de Alencar e “Como se deve escrever a história do Brasil” de Von Martius para compreender o papel atribuído aos povos indígenas na formação de uma identidade brasileira.

Como se deve escrever a
História do Brasil?

No período de construção da identidade nacional brasileira no pós-independência, o viajante alemão Carl von Martius foi uma figura importante, com o seu texto “Como se deve escrever a História do Brasil” lançado na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1844. Esse texto refletia a ideologia da época, e defendia que, apesar de “inferiores”, os povos indígenas teriam a capacidade de serem civilizados (Martius, 2010).



Carl Friedrich Philipp von Martius e Johann Baptist von Spix.
luri. Data: 1823. Disponível
em: <https://www.brasiliainaconografica.art.br/obras/18708/iuri>
Acesso: 27/04/2024

O Romantismo Indigenista

A literatura brasileira romântica do século XIX também produziu um imaginário sobre as populações indígenas. Os autores da época, como José de Alencar, descreviam esses povos de maneira lírica, desconsiderando os processos de violência sofridos. Em seu livro “Iracema”, de 1865, por meio do relacionamento entre a protagonista indígena e o colonizador português Martim, Alencar (2002) constrói a nacionalidade brasileira pela narrativa da fundação.



Autor Desconhecido. Iracema. Data: 2002. In: Alencar, 2002.

Considerações finais

Essas visões permearam a política indigenista do Brasil Império que, com suas diversas propostas e reflexões para tentar “civilizar” as populações indígenas, ao invés de tentar suprir as reais necessidades destas populações, promoveu um apagamento ainda maior de suas identidades, com práticas que incluíam a imposição da catequização e a separação de crianças indígenas de seus pais para serem educadas nos padrões da sociedade branca.

Referências

- ALENCAR, José de. **Iracema**. 36. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- MARTIUS, Carl F. P. von. Como se deve escrever a história do Brasil. In: GUIMARÃES, Manoel L. S. **Livro de fontes da historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- MONTEIRO, John M. **Tupis, tapuias e historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo**. 2001. 235 f. Tese Livre Docência, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2001

Patrocínio:

Realização:



XXIX

Semana de História
da UnivillePERCURSOS FORMATIVOS DE
EXTENSÃO: NARRATIVAS, MEMÓRIAS E
EXPERIÊNCIAS SENSÍVEIS NA AMORABI

Jaqueline A. Camargo; Alice C. Marques; Aldry P. Chaves (UNIVILLE)

Introdução

O presente trabalho é um recorte de pesquisa relacionado com os trabalhos das disciplinas de Laboratório de História II e Vivências de Extensão I, realizados no segundo semestre de 2023, no curso de Licenciatura em História da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Região de Joinville (UNIVILLE). Com a intenção de seguir a ementa das disciplinas, as autoras e outros colegas foram encarregados de fazer um levantamento de material referente ao acervo pessoal de Benedito Clóvis da Silva, a fim de higienizar e organizar por temas e temporalidades o acervo encontrado na Associação de Moradores do bairro Itinga (AMORABI), com o intuito de preservar a memória de Dito, figura importante para a associação.

O método narrativo: questões
conceituais

A partir da problemática: *quais são os atravessamentos que as poesias, enquanto experiências do sensível, causam em nossa formação historiadora?* Dessa forma, temos por objetivo compreender as experiências do sensível nos nossos percursos formativos que se imbricam aos poemas de Dito. A fim de expor nossa experiência, optamos pela abordagem narrativa, uma vez que esta se configura como atividade formadora e ganha potência a partir do acervo de Benedito e sua memória, imbricando-se com nossas memórias e experiência.

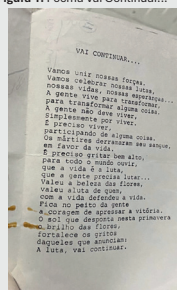
Josso (2007) entende as histórias de vida como construções identitárias, pois, ao narrar, são apresentadas também características sociais, culturais, políticas, econômicas e religiosas. Assim, podemos dizer que, ao ler as poesias de Dito, somos atravessadas na nossa própria formação, uma vez que estas mesmo que escritas em anos anteriores, ainda conversam com nossa própria realidade.

Ou seja, podemos dizer que: “[...] nos encontramos no entremeio também em outro sentido, isto é, encontramos-nos no meio de um conjunto de histórias – as nossas e as de outras pessoas” (CLANDININ, CONELLY, 2000, p. 99).

Experiências sensíveis: estudantes-
aprendiz na AMORABI

Nós, enquanto autoras-estudantes, percebemos por meio dos trabalhos da AMORABI, que as nossas lutas estudantis, muito se assemelham às lutas dos trabalhadores apoiados por Dito. Entendemos o quanto é importante para a nossa formação enquanto historiadoras, compreendermos que essas lutas são uma permanência histórica e que ela nos perpassa a

Figura 1: Poema Vai Continuar...



Fonte: Acervo pessoal das autoras

partir das sensibilidades, uma vez que há a partilha de lutas coletivas, ou seja, essa partilha se funde ao tempo e espaço, criando um comum, dessa forma, essas experiências sensíveis perpassam “formas de inscrição do sentido da comunidade. Essas formas definem a maneira como obras ou performances “fazem política” (RANCIÈRE, 2009, p. 18).

Considerações finais

Em suma, compreendemos que as narrativas nas poesias encontradas no acervo do Dito podem ser utilizado para conceber as lutas que permeiam a comunidade, a partir da memória individual objetificadas no acervo, pois essas memórias são compartilhadas com o restante da comunidade, em suas permanências e diferenças, mas compartilhadas na base comum da comunidade, na forma de uma memória coletiva. (HALBWACHS, 2024).

Portanto, tendo em comum como base a Associação De Amigos do Bairro Itinga, as lutas apresentadas no acervo pessoal de Benedito Clóvis da Silva podem ser compreendidas como lutas coletivas dessa comunidade, que se entrecruza com a nossa.

Referências

- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Uberlândia, MG: EDUFU, 2 ed. 2015
- JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007
- HALBWACHS, M. A memória coletiva. Curitiba: antoniofontoura, 2024.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. 2a. ed. São Paulo, SP: Editora 34 Ltda, 2009.

Patrocínio:

Realização:



XXIX
Semana de História
da UnivilleA importância das cartas pessoais de
Ottokar Dörffel e a história da Colônia
Dona FranciscaDaniele Claudia Miranda - Univille/Euler Renato Westphal-Univille/
Roberta Barros Meira - Univille

Introdução

Ottokar Dörffel, imigrante alemão, desembarcou na Colônia Dona Francisca, em 1854. Mesmo distante de sua terra natal nunca perdeu o contato com os familiares e amigos mantendo ao longo de sua vida intensa correspondência.

Foto 1: Ottokar Dörffel
Fonte: Arquivo Histórico de Joinville

A troca de cartas durante um período de mais de 50 anos compõe um *corpus* documental com quase 100 cartas, documentos esses inestimáveis para o estudo da mudança que passou a ocorrer em sua vida a partir do contato com brasileiros e demais imigrantes alemães em Joinville/ Santa Catarina.

Elo entre dois mundos

Das traduções, predominam temas voltados às novidades do “novo mundo”, do novo ambiente, tais como: a viagem, a chegada, a descrição da Colônia, bem como detalhes sobre as plantas e os animais encontrados, as novas formas de cultivo da terra e de criação de animais, as comidas, a geografia, o clima, dentre outros assuntos. O espírito germânico, presente nos textos das cartas, sempre estiveram presente na jornada de Ottokar, da “Velha Pátria” para a sua vida na “Nova Pátria”, dois mundos que se interconectaram no seu modo de ser e viver.

Foto 2: Foto ilustrativa da capa do Livro de Matzke (2018). A imagem representa os dois mundos: Ottokar na varanda de sua casa (1866) em Joinville/SC e a imagem invertida da cidade de Glauchau/Alemanha de onde migrou.
Fonte: Pesquisadora (2023)Cartas pessoais como fonte
histórica

Trabalhar com cartas manuscritas apresenta desafios metodológicos, mas fornece informações relevantes sobre indivíduos e comunidades. O estudo das cartas históricas auxilia na reconstrução do passado e na compreensão mais profunda da história, considerando tanto o conteúdo quanto o contexto social e material das cartas. Como fontes primárias, as cartas desvelam o passado de Ottokar Dörffel e sua perspectiva sobre a Colônia Dona Francisca.

Foto 3: Cartão postal de Ottokar Dörffel para seu sobrinho Hermann Kretschmar
Fonte: Pesquisadora (2023)Foto 4: Carta de Ottokar Dörffel para sua esposa Thekla Kretschmar em 1866.
Fonte: Pesquisadora (2023)

Considerações finais

As cartas trazem uma maior explicitação das redes de sociabilidade que ligam diferentes espaços, assim como permitem avançar sobre as relações sociopolíticas, as questões econômicas, as diferenças culturais e as lutas pela terra que marcaram a história da imigração em Santa Catarina.

Referências

MATZKE, Judith. **Von Glauchau nach Brasilien. Auswandererbriefe von Ida und Ottokar Dörffel (1854-1906).** Halle/Saale: Mitteldeutscher Verlag, 2018.
Dörffel, Ottokar. **Die Kolonie Dona Franziska, in der fudbrafilichen Provinz Santa Catharina.** Joinville/SC, 1882.

Patrocínio:



Realização:



XXIX

Semana de História
da Univille

LUTAS POLÍTICAS NA COMUNIDADE

Gabriela Gomes de Lima, Patrícia de Jesus Santos
Docentes orientadores: Fernando Cesar Sossai, Sirlei de Souza
Curso de História Univille

Introdução

Os alunos do primeiro ano de História da Univille, durante o segundo semestre de 2023, nas disciplinas de Laboratório de História II e Vivências de Extensão I, tiveram a oportunidade de participar e se envolver na construção de um arquivo comunitário na AMORABI (Associação de Moradores do Bairro Itinga).

O projeto de extensão teve como objetivo oportunizar aos estudantes a organização e catalogação de arquivos, leitura de fontes primárias e vivência em comunidade.

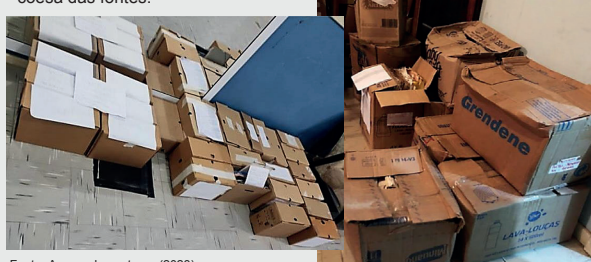
A constituição do acervo conta com documentação preservada de Benedito Clóvis da Silva (*Dito*), um dos principais edificadores da AMORABI.

Metodologia

Ao se dirigir-se para o acervo comunitário da AMORABI, os alunos se depararam com uma grande quantidade de caixas com documentação diversa e desorganizada. Segundo Belloto (2014) "As atividades que as funções básicas dos arquivos exigem são: reunir, organizar, conservar e tornar acessíveis as informações contidas nos documentos que deles fazem parte." Com auxílio da orientação do professor Fernando Sossai, cada estudante selecionou para si uma caixa, de modo a realizar, com os equipamentos necessários, uma leitura prévia da massa documental, procurando entender o conteúdo geral da caixa e do acervo em pesquisa.

O contato direto com as fontes históricas auxilia os estudantes em seu desenvolvimento e olhar historiográfico, pois cabe ao historiador uma interpretação sobre o contexto histórico, sempre apoiado em fontes e levando em conta o olhar de nosso tempo (BARROS, 2020).

O rigor e a atenção também foram mantidos durante a classificação dos documentos, tanto em relação à temática quanto o tipo textual, pois cada tipo de fonte textual apresenta um sistema de comunicação que lhe é próprio e que não pode ser confundido com os demais (BARROS, 2020). Levar em conta tal singularidade é crucial para a correta interpretação coesa das fontes.

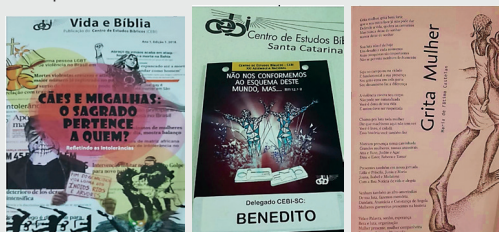


Fonte: Acervo das autoras (2023).

Interpretação histórica

Por meio da interpretação das fontes, foi possível vislumbrar o envolvimento político e religioso de *Dito* com o CEBI (Centro de Estudos Bíblicos). Com um recorte temporal bastante amplo (1973-2018), os documentos, em sua maioria, eram manuscritos (anotações, atas e fichas de inscrição). Compreende-se, então, a figura de *Dito* como uma das principais da organização política da região do Itinga e de Joinville.

As imagens abaixo são folhetins do CEBI. Elas sugerem um caráter de resistência e indagação à leitura tradicional da bíblia. O poema "Grita Mulher", nesse sentido, representa uma visão alternativa da mulher, ressaltando sua força perante os olhos de Deus. Essa nova visão também é perceptível através da reflexão sobre o pertencimento do sagrado: "A quem Jesus representa?"; um questionamento crucial que exige a análise da conjuntura de sua época.



Considerações finais

Pode-se afirmar que a construção de um arquivo comunitário é fundamental para manter a história e a memória de uma comunidade. Além disso, os arquivos comunitários também possibilitam novas maneiras de enxergar a história local, pois sem a preservação desses arquivos, jamais saberiam da existência de organizações políticas na periferia da cidade (por mais que, hoje, ela seja reflexo da atual AMORABI, não haveria conhecimento de seus antecedentes).

A experiência foi extremamente positiva para os estudantes, pois os auxiliou a entender o procedimento de organização de um arquivo: este procedimento é longo, demorado e exige atenção e paciência na leitura de fontes, pois a caligrafia e temas podem parecer ambíguos e qualquer erro pode ser refletido no entendimento geral do acervo.

Referências

BELOTTO, Heloisa L. **Arquivo: estudos e reflexões**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

BARROS, José D. A. **Fontes Históricas: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e à sua variedade de tipos**. *Cadernos do Tempo Presente*, São Cristóvão, v. 11, n. 2, p. 03-26, jul./dez.2020.

Patrocínio:



Realização:



Curso de
História



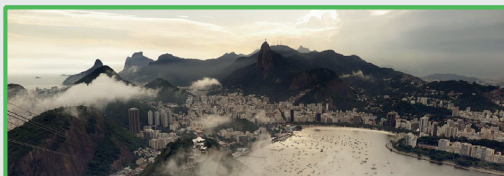
XXIX

Semana de História
da UnivilleO REVERDECER DA TIJUCA: RENASCIMENTO E
DESAFIOS DE UM ECOSISTEMA AMEAÇADO NO
SÉCULO XIX

Arthur D'Tavolla M. L. S. Campos, Roberta Barros Meira. (UNIVILLE)

Introdução

A floresta da Tijuca atualmente se encontra cercada pela metrópole carioca, apresentando-se como opção de lazer e, apesar de toda a pressão sofrida pelo desenfreado avanço da urbanização, é um exemplo importante de proteção ambiental no Brasil - possuindo um passado rico em lições sobre as consequências da devastação ambiental.



Paul Biris. Rio de Janeiro, 2016.

Crise ambiental (RJ, séc.
XIX)

Inicialmente, o desmatamento ocorreu pela extração de madeira e plantações de cana de açúcar. No entanto, a cafeicultura foi o fator decisivo para consolidar a destruição sistemática do ecossistema e causar crises ambientais no Rio de Janeiro. Após o plantio de café diminuir tornou-se evidente a degradação ecológica, refletida no agravamento das secas que atingiram a cidade do Rio de Janeiro nos anos de 1824, 1829, 1833 e 1844.



FÉLIX-EMILE TAUNAY (1759-1881): Vista de um mato virgem que se está reduzindo à carvão, c. 1843. Óleo sobre tela, 134 x 195 cm. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes.

Reflorestamento da Tijuca

O período de crise foi fundamental para a criação de um projeto sem precedentes que começou em 1862, cujo objetivo era reflorestar a Tijuca para garantir estabilidade ao fluxo de água.



FÉLIX-EMILE TAUNAY (1759-1881): Vista da Mãe D'Água, c. 1840. Óleo sobre tela, 115 x 88 cm. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes.

Considerações finais

Refletir e compreender o projeto de reflorestamento adotado no século XIX na região da Tijuca, e as condições que produziram a necessidade de haver um cuidado com o equilíbrio do ecossistema, é importante para fortalecer a luta pela preservação da natureza num momento de crise ambiental a nível mundial, sem precedentes na história.



Cavan images. Rio de Janeiro, 2019.

Referências

DRUMMOND, José Augusto. O jardim dentro da máquina: breve história ambiental da Floresta da Tijuca, Estudos Históricos, v. 1 n. 2: Identidade Nacional. 1988.
MATTOS, Claudia Valladão de. Paisagem, Monumento e Crítica Ambiental na Obra de Félix-Émile Taunay. 19&20, Rio de Janeiro, v. V, n. 2, abr. 2010.

Patrocínio:

Realização:



XXIX

Semana de História
da Univille

Arquivos da Pastoral Operária

Juliana Schmeling, Mateus Pfundner e Matheus Attila Boeing
(Curso de História Univille)

Introdução

Durante o segundo semestre do curso de História da Univille, nas disciplinas de Lab. de História de História II e Vivências de Extensão II, foi realizado um trabalho de extensão na Associação de Moradores do Bairro Itinga (AMORABI). A associação recebeu centenas de documentos do acervo pessoal de um de seus membros mais notórios – Benedito Clovis da Silva (Dito) – e os alunos ficaram encarregados de limpar e selecionar estes documentos, conforme foi ensinado nas disciplinas do curso de História. Na pasta organizada pela equipe, foram selecionados os documentos referentes à Pastoral Operária, uma organização clerical (ou religiosa) que vivia a causa trabalhista.

Pautas trabalhistas na Pastoral

A Pastoral Operária é uma entidade vinculada à Comissão Episcopal para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e atua junto com a classe trabalhadora, visando a evangelização e reflexão sobre a vida dos trabalhadores à luz da Doutrina Social da Igreja Católica. Essa relação com a classe trabalhadora chamou atenção da equipe, o que levou a selecionar e investigar os documentos com essa temática. Entre jornais e recortes, encontramos relatos de trabalho infantil, crise de desemprego, exploração trabalhista e denúncias do mundo laboral.



Figura 1: manchete de jornal denunciando que funcionários tiveram suas pernas amarradas. O fato ocorreu na empresa Döhler (Joinville) e foi denunciado ao vereador Carilo Mers, o qual alegou que "esse tipo de coisa é uma volta ao tempo da escravidão (1993).

O arquivo como reflexo da sociedade

Conforme Heloísa Bellotto (2014), as funções de um arquivo vão muito além de apenas guardar documentos. Para ela, "têm a ver com cidadania, com a **aproximação da população de sua identidade cultural** e de seu patrimônio [...]" (2014, p. 133). A equipe pôde enxergar isso durante o trabalho na AMORABI; muitos aspectos operários daquela região estão registrados nos documentos da Pastoral, desde recortes de jornais até convites de encontros.

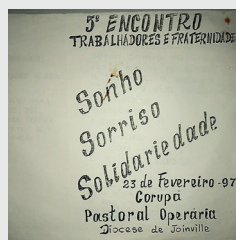


Figura 2: convite para o quinto Encontro dos Trabalhadores, organizado pela Pastoral Operária, mostrando a união e fraternidade da classe operária da região.

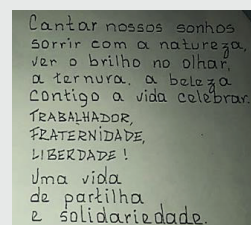


Figura 3: interior do convite com uma promoção a união e fraternidade dos convidados.

Considerações finais

Concluimos destacando a importância que um acervo exerce para a comunidade local e como o historiador tem um papel importante nesse processo, cuidando da seleção, higienização e principalmente da contextualização dos itens. Muitos dos documentos da Pastoral Operária encontrados na AMORABI têm um peso importantíssimo, mantendo viva a memória dos fatos passados, servindo como denúncia social e colaborando para problemáticas presentes até hoje.

Referência

- Boeing, Matheus Attila. Figura 02. 2023.
- Boeing, Matheus Attila. Figura 03. 2023.
- Bellotto, Heloísa. **Arquivo: estudos e reflexões**. Minas Gerais. Editora UFMG, 2014.
- Schmeling, Juliana. Figura 01. 2023.

Patrocínio:



Realização:



XXIX

Semana de História
da UnivillePETRÓPOLIS E JUIZ DE FORA E O
TURISMO NO BRASIL
IMPÉRIO: PASSADO e PRESENTENome: Davi Ceschin da Silva (UNIVILLE)
PROFESSORA :ROBERTA BARROS MEIRA

Introdução

O fotógrafo francês Revert Henrique Klumb escreveu o primeiro guia de viagem do Brasil, publicado em 1872 chamado "Doze horas em diligência". O Guia do viajante de Petrópolis a Juiz de Fora, publicação bilingue em português e francês, traz 29 litografias e descrições detalhadas da paisagem e dos pontos turísticos que poderiam ser visitados no trajeto que percorria a estrada União Indústria. O Guia traz informações importantes sobre economia, as novas tecnologias e as mudanças nas relações sociais e culturais no período do II Reinado.

Metodologia

O Guia do viajante de Petrópolis a Juiz de Fora será comparado com outras formas de divulgação turística e históricas atuais.

Objetivo

O objetivo do trabalho será analisar o Guia de maneira comparativa com outras formas de divulgação turística. Além disso, a pesquisa busca pensar estratégias para discutir as diferentes fontes documentais e o seu uso no ensino de história.

Considerações finais

Na análise comparativa do guia "Doze horas em diligência" com a imagem do mapa ao lado foram identificadas algumas permanências como segue:

- 1) O turismo constitui uma importante base econômica na atualidade para as cidades descritas pelo fotógrafo francês Revert Henrique Klumb; Os mesmos pontos são marcados na segunda fonte - produzida pela prefeitura de Petrópolis nas comemorações dos 160 anos da cidade;
- 2) Os mapas e as fotografias dos pontos turísticos produzidos no final do século XIX podem ser analisados para localizar os lugares de sociabilidade da elite no Império e a formação do Patrimônio Cultural das cidades algumas décadas depois.
- 3) As fotografias e as litografuras podem ser exploradas pelos alunos da educação básica, tendo como proposta de atividade um guia do viajante do seu bairro ou da sua cidade.



Referências :

KLUMB, Henry. Doze horas em diligencia, guia do viajante de Petrópolis a Juiz de Fora. Rio de Janeiro: Photographia Klumb, 1872

Patrocínio:



Realização:



Os poemas não ditos

Angelo Mafra da Maia e Silva, Lucas Nelson Back
João Leandro dos Santos
(Curso de História da Univille)

Introdução

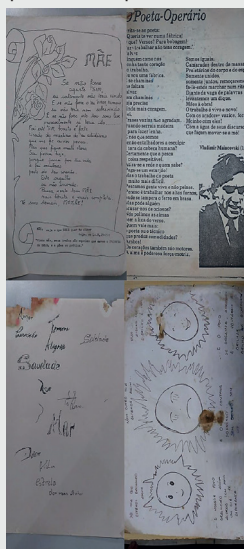
Em 25 de setembro de 2023, estabelecemos o nosso primeiro contato com a coleção de Benedito Clóvis da Silva, também conhecido como *Dito*, abrigada na AMORABI (Associação de Moradores do Bairro Itinga). Em colaboração com essa associação e por meio do curso de História da Univille, as disciplinas de Vivências e Extensão, assim como o Laboratório de História II, deram início, durante o segundo semestre, às atividades de organização e catalogação do vasto acervo disponível.

Alma artística

Dito, não apenas se destacou como ativo participante em causas comunitárias, mas também revelou um notável lado artístico. Embora se dedicasse também à criação de desenhos e esculturas, sua principal expressão artística dava-se por meio de poemas.

Durante a análise documental, deparamo-nos com uma ampla variedade de poemas e cadernos de anotações, que abordam temas que vão desde pensamentos diversos, datas importantes, causas políticas até paisagens e sentimentos pessoais. Além disso, é fascinante observar a influência que *Dito* exercia sobre seu filho, valorizando profundamente o trabalho artístico deste último, algo que ele guardou com grande apreço.

Todos os direitos de imagem desta obra pertencem a Angelo Mafra da Maia e Silva.



Processo de higienização e organização

Inicialmente, os documentos estavam armazenados de forma caótica em caixas de papelão destinadas a produtos de limpeza, expostos tanto à degradação ambiental quanto a possíveis danos causados por insetos xilófagos. Após a equipe separar os documentos, procedemos com uma higienização completa. Por fim, classificamos os documentos conforme as normas arquivísticas e os inserimos nas caixas de arquivo apropriadas para armazenamento.



Considerações finais

A experiência de organizar um arquivo foi enriquecedora para nossa equipe, revelando a importância social e cultural desse trabalho colaborativo. Ao lidar com documentos que testemunharam eventos e tradições ao longo do tempo, percebemos que estávamos preservando a memória viva e em comunidade: "Ligando a comunidade ao sentido de pertencimento que a pessoa elabora sobre determinada coletividade". A sensibilidade ao lidar com informações delicadas ou controversas também foi crucial, reconhecendo a pluralidade de vozes na história com respeito.

Referências

PETRY, Cristovão. *O teatro em comunidades periféricas: uma trajetória desenvolvida no bairro Itinga (Joinville/SC)*. Dissertação. Mestrado em Teatro. UDESC. Florianópolis, 2016.

BARROS, José D'Assunção. Petrópolis: Editora Vozes, 2020. *A Fonte Histórica e seu lugar de produção*

Patrocínio:

Realização:



XXIX
Semana de História
da Univille

AS NUANCES ENTRE AS DIFERENTES TIPOLOGIAS DA COLEÇÃO “BENEDITO CLÓVIS (DITO)”

Eduardo da Silva de Castilho, Geovana Pereira Dias, Natalia Miriã Elisio
Fernando Cesar Sossai, Sirlei de Souza. Univille

Introdução

O presente trabalho parte de atividade de extensão desenvolvida pelos alunos do 2º semestre do curso de História da Univille no período 2023/2. A atividade focou na organização do acervo pessoal de ativista e militante Benedito Clóvis para integrar o espaço da AMORABI (Associação de Moradores e Amigos do Bairro Itinga), visando o condicionamento adequado das fontes para possibilitar pesquisas futuras (Possamai, p. 49, 2020).

A partir do manuseio do abundante acervo, que estava voltado à pastoral religiosa, encontramos diferentes tipologias, que, nos chamaram a atenção e orientaram o desenvolvimento deste trabalho.

Tipologias

Dentre as diferentes tipologias que encontramos, as que mais nos chamaram a atenção, além das fontes escritas, foram as cédulas de dinheiro, como mostrado na figura 1 pela nota de 100 cruzeiros, as cerâmicas (figura 2), cartões postais relacionados à militância e as fotografias (figura 3).



Figura 1 (Fonte: Acervo de Benedito Clóvis)



Figura 2 (Fonte: Acervo de Benedito Clóvis)



Figura 3 (Fonte: Acervo de Benedito Clóvis)

Panorama geral das fontes

Grande parte do acervo que escolhemos para manusear estava sem data definida, e, alguns, sem um assunto estabelecido. Nesse sentido de temáticas, apesar de a maior parte estar relacionada à militância e à pastoral operária, é interessante pensar como nossa interpretação passa a orientar a divisão que estabelecemos entre os temas que encontramos, já que, segundo Eric Ketelaar, o arquivo está inserido em um contexto de reinterpretação da visão a partir de cada indivíduo ou geração (Ketelaar, 2018).

Além disso, as fontes materiais, como o caso da cerâmica, nos despertaram a atenção principalmente por trazer um diferente lado de Dito, nos levando a pensar sua vida cotidiana, além da militância. Assim, possibilitando análises em outros domínios, como a arqueologia e a história da vida privada (Barros, 2009).

Considerações finais

A partir da socialização entre a equipe e separação dos materiais organizados, podemos concluir que a diversidade de coleções e materiais encontrados, mostram muito sobre a vida pessoal de Dito, envolvendo tanto a participação na militância e na igreja, quanto interesses pessoais diversos, como a arte.

Destacamos, por último, a importância das disciplinas de Laboratório de História I e II, tanto em sua esfera teórica quanto na prática, pois possibilitou o entendimento prévio sobre o acondicionamento e classificação do material da coleção.

Referências

- BARROS, José D'Assunção. *História da Cultura Material – notas sobre um campo histórico em suas relações intradisciplinares e interdisciplinares*, 2009.
- POSSAMAI, Zita. Patrimônio e acervos. In: CARVALHO, Aline; MENEGUELLO (org.). *Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 47-50
- KETELLAR, Eric. (Des)construir o arquivo. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Leticia (org.). *Pensar os arquivos: uma ontologia*. Rio de Janeiro: FGV, 2018. p. 193-206.

Patrocínio:



Realização:

